



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MARYANNA WANESSA FREITAS DOS SANTOS

**SEXUALIDADE E DESVIO EM ARACAJU: A Subcultura do BDSM e grupos
LGBTQIAPN+**

SÃO CRISTÓVÃO

2024

MARYANNA WANESSA FREITAS DOS SANTOS

**SEXUALIDADE E DESVIO EM ARACAJU: A Subcultura do BDSM e grupos
LGBTQIAPN+**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Ciências Sociais como requisito para obtenção de título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia.

SÃO CRISTÓVÃO

2024

MARYANNA WANESSA FREITAS DOS SANTOS

**SEXUALIDADE E DESVIO EM ARACAJU: A Subcultura do BDSM e grupos
LGBTQIAPN+**

Projeto apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

NOTA: _____

São Cristóvão, ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Gustavo Pereira de Souza Correia

Prof. Dr. Frank Nilton Marcon

Prof^ª. Dr^ª. Danielle Parfentieff de Noronha

Dedico esse trabalho a todos aqueles que na impossibilidade de existência normativa, constroem novas formas de se estar no mundo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que estiveram comigo nessa jornada me fazendo acreditar em mim e sendo rede na Academia. À Helma Cardoso que me iniciou na pesquisa junior e é inspiração na minha vida pessoal e acadêmica. É a partir dela que começo a entender de onde vem meus desajustes e incômodos em sistemas que pouco me encaixam. É pelo Clube de Leitura Marielle Franco que encontro com outras pessoas, que assim como eu, procuram por um abraço na universidade e um pouco da sensação de que mesmo que as coisas não fiquem bem, nós vamos ficar. Ao meu orientador, Luiz Gustavo, agradeço por ter acreditado no projeto e feito com que esse trabalho pudesse criar vida e se tornar realidade. Ao professor Ugo Maia por ter me dado a oportunidade de trabalhar em campo, ter me ensinado tanto e feito eu me apaixonar pela antropologia. Também não poderia deixar de agradecer aos interlocutores que estiveram disponíveis, e que sem a abertura, esse trabalho não seria possível, principalmente à Matheus que abriu caminho para a minha inserção no campo.

Às minhas amigas e companheiras, tanto as que estiveram comigo como as que estão até hoje, Malu, Sarah, Maria, Ana e Renata agradeço por terem estado desbravando juntas essa loucura que é as Ciências Sociais e ter feito desse nosso espaço. À Malu pelas conversas e fofocas antropológicas que me ajudaram a lapidar esse trabalho e a me interessar pela antropologia. À Sarah que apoiou e me apoia não só nesse trabalho como na vida, contrapondo e enriquecendo as discussões das Ciências Sociais e as relações com a Biologia. Ao Kauan, Igor, Welly, Vitinho e Amanda por partilhar de dias de descanso e brisas que também fazem parte dos processos de pesquisa e escrita. À Ivana e Renata, minhas esposas, amigas e companheiras por nunca me deixarem desistir das jornadas da vida e me apoiarem nas piores e melhores fases. Agradeço à Renata por ter ficado casada ao longo do dia, trabalhando e estudando juntas, pegando os mesmos ônibus e bebendo as mesmas cervejas. À Ivana, meu amor e ouvinte entusiástica da minha saga universitária, que foi e é morada de paz ao voltar para casa necessitando de um abraço. Todos vocês são a família que a vivência fora da heteronormatividade me proporciona ao poder escolher minha rede familiar e espero que sintam todo o amor, o carinho e a gratidão que tenho por vocês.

Aos meus parentes e família agradeço por terem sido empecilho, mas também chama para minha revolta e paixão, nunca deixando que eu parasse de querer mais, em especial a minha mãe e vó. A Bilu e Tiquinho por serem bichos engraçados que sempre me fazem rir no estresse da escrita.

RESUMO

Tendo como partida o entendimento da hierarquização histórica das sexualidades e as noções de desvio e estigma, esse trabalho tem como foco a subcultura do BDSM – Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão e Sadomasoquismo, e sua intersecção com os grupos LGBTQIAPN+. O estranhamento e a familiarização são ferramentas metodológicas de entendimento do que é dado socialmente enquanto natural, como o sexo, e da formação de grupos outsiders que não atendem às expectativas comportamentais e se constroem pelo desvio. Assim, essa pesquisa se propõe a compreender como a subcultura do BDSM se forma e se dá em Aracaju e o que ocorre quando esse grupo se intersecciona com os grupos LGBTQIAPN+. Por meio de pesquisas bibliográficas e acompanhamento de blogs, sites e grupos online de BDSM foram feitas entrevistas semiestruturadas. A cena de BDSM em Aracaju está se construindo e a forma de encontro se dá a partir das práticas individuais e dos *offs* e o surgimento de oficinas e eventos públicos. A relação entre os grupos e aqueles que fazem parte de ambos por vezes é conflituosa e apesar das intersecções entre eles, uma maior integração não parece ser uma demanda. Ao mesmo tempo, a existência desses grupos que subvertem a ordem vigente expande as noções de sexo, prazer e papéis de gênero.

Palavras-chave: BDSM; Desvio; LGBTQIAPN+; Sexo; Sexualidade; Subcultura.

ABSTRACT

Starting from the understanding of the historical hierarchization of sexualities and the notions of deviance and stigma, this thesis focuses on the subculture of BDSM — Bondage, Discipline, Dominance, Submission, and Sadomasochism — and its intersection with LGBTQIAPN+ groups. The concepts of estrangement and familiarization are methodological tools for understanding what is socially presented as natural, such as sex, and the formation of outsider groups that do not meet behavioral expectations and are constructed through deviance. Thus, this research aims to understand how the BDSM subculture is formed and manifested in Aracaju and what occurs when this group intersects with LGBTQIAPN+ groups. Through bibliographic research and monitoring blogs, websites, and online BDSM groups, semi-structured interviews were conducted. The BDSM scene in Aracaju is being constructed with meetings arising from individual practices and offline interactions, alongside the emergence of workshops and public events. The relationship between the groups and those who belong to both can sometimes be conflictual, and despite the intersections between them, greater integration does not seem to be a demand. At the same time, the existence of these status quo subvertant groups expands notions of sex, pleasure, and gender roles.

Keywords: BDSM; Deviance; Deviation; LGBTQIAPN+; Sex; Sexuality; Subculture.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1 ENTENDENDO O BDSM.....	10
1.1 O QUE É BDSM?.....	10
1.2 PSIQUIATRIZAÇÃO DO BDSM.....	14
1.3 HISTÓRIA DO BDSM.....	19
2 “INSIDE” DO OUTSIDER.....	25
2.1 TRAJETÓRIA ATÉ O TEMA.....	25
2.2 NOTA METODOLÓGICA.....	27
2.3 NA BUSCA PELOS INTERLOCUTORES.....	28
2.4 CONHECENDO OS INTERLOCUTORES.....	29
2.5 OUTSIDERS.....	31
2.6 SOCIABILIDADE ENTRE OS ADEPTOS DE BDSM.....	35
2.7 O QUE TE TORNA BDSMER.....	39
2.8 A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA.....	43
2.9 O ESTIGMA: DE FORA DOS OUTSIDERS, BDSM ENQUANTO VIOLÊNCIA E HUMOR.....	44
2.10 LGBTQIAPN+ E BDSMERS: RELAÇÃO E INTERSECÇÃO ENTRE OS GRUPOS.....	51
3 QUESTIONANDO AS FRONTEIRAS.....	56
3.1 O QUE É SEXO?.....	56
3.2 A IMPUREZA DAS FRONTEIRAS.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	65
GLOSSÁRIO.....	68

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jornal Folha de São Paulo em 1992.....	13
Figura 2: Desfile Thierry Mugler em 1992.....	13
Figura 3: Drag queen Violet Chachki no desfile de Richard Quinn em 2022.....	14
Figura 4: “Círculo mágico” de Gayle Rubin representado por Vera Silva.....	16
Figura 5: Deusa Inana segurando um chicote e um leão com armas nas costas e capacete de chifre.....	19
Figura 6: Tumba da Flagelação.....	19
Figura 7: Obra de Lucas van Leyden, por volta de 1515.....	20
Figura 8: Foto de Satyrs, um dos primeiros moto clubes gays.....	21
Figura 9: Panfleto de um erotic shop em São Paulo.....	23
Figura 10: Revista Clube dos Homens - Ano II - N°.18.....	23
Figura 11: Notícia do encontro do grupo SoMos no Jornal folha de São Paulo, 1992.....	24
Figura 12: Círculo mágico de Gayle Rubin.....	57

INTRODUÇÃO

Questionar como se dá quando dois grupos estigmatizados pela sexualidade se interseccionam é desnaturalizar e contestar as noções de sexo e ampliar os conhecimentos que se têm sobre subculturas, não partindo de uma hierarquização, mas enquanto grupos que constroem outras formas de se portar, se reconhecer e lidar com os sistemas dominantes dentro de uma cultura, e em específico a subcultura do BDSM, e o debate acerca das sexualidades, principalmente no âmbito das Ciências Sociais. Pois, a maioria das vezes quando o tema é tratado fica nos campos da psiquiatria e da psicologia, sendo um universo pouco trabalhado enquanto objeto socioantropológico. Ademais, sendo a Academia um espaço de manutenção das estruturas dominantes vigentes, debater sobre esses temas é de grande relevância não apenas no entendimento das Ciências Sociais sobre subculturas, identidades transgressoras e condutas desviantes, como também a níveis políticos e sociais ao repensar o que é dado enquanto sexo.

No início de uma jornada de estranhamento de algo dado enquanto comum e socialmente naturalizado me vi sendo atraída pela busca do entendimento das transgressões, em como mesmo na impossibilidade de existência de certos grupos, há a criação de novas formas de existências, subvertendo a ordem. Desse modo que me encontrei nos estudos de subculturas e questionamento das sexualidades que me levaram ao tema da interseccionalidade entre BDSMers e LGBTQIAPN+.

Historicamente, de acordo com as ideias de Gayle Rubin e Michel Foucault, a hierarquização das sexualidades gera exclusão daqueles que não se encaixam dentro do que é tido enquanto normal, formando assim grupos dissidentes que se constroem em torno daquilo que é considerado desvio pela estrutura vigente, como os grupos de BDSM e LGBTQIAPN+. Essa pesquisa visa compreender a relação entre os grupos LGBTQIAPN+ e a subcultura do BDSM em Aracaju na atualidade, a partir do entendimento da construção do adepto de BDSM e sua intersecção com os LGBTs. Para tal, considero a concepção de Stuart Hall e Maria Gregori, o BDSM enquanto subcultura, as noções do desvio de Howard Becker, e a estigmatização de Eving Goffman, como alguns dos fios que formam grupos “outsiders”.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro compreendo o que é o BDSM e como a subcultura se constrói. No segundo, percebo quem são aqueles que fazem parte da subcultura, o que torna alguém adepto de BDSM, como o grupo se dá no âmbito do desvio e as experiências na intersecção entre ser BDSM e ser LGBT+. Por fim, no terceiro

capítulo, faço um debate sobre as concepções de sexo e as disputas e fronteiras de suas conceituações.

Para uma maior compreensão sobre o campo pesquisado, foi feita uma revisão bibliográfica com autores que estudam a hierarquização das sexualidades, como Rubin, Douglas, Foucault e Preciado, a constituição do desvio e a estigmatização do outro, como Becker e Goffman, e a subcultura do BDSM no Brasil, como Silva, Facchini e Gregori. Pelo caráter exploratório, também foi realizado um pré-campo virtual com a observação dos grupos online e perfis nas redes sociais de BDSM que foram de suma importância na abordagem qualitativa para o entendimento da subcultura e na coleta de dados no momento da elaboração das entrevistas semiestruturadas, elaboradas com 10 pessoas BDSMers e LGBTQIAPN+.

1 ENTENDENDO O BDSM

1.1 O QUE É BDSM?

O BDSM é um conjunto de práticas eróticas e/ou sexuais que envolvem relações de poder e hierarquias erotizadas que pode ser entendido por pares, os quais: BD significa Bondage e Disciplina (há a restrição sensorial do outro); DS, Dominação e Submissão (uma pessoa comanda e a outra obedece); e SM, Sadismo e Masoquismo (prazer em infligir/sentir dor).

O acrônimo é uma junção de subgrupos e ações que engloba diversas práticas como por exemplo: Bondage, imobilização com o uso de acessórios que restrinjam os movimentos; Shibari, amarrações com o uso de cordas para limitar o outro fisicamente; Role Play, interpretação de papéis, como por exemplo o Pet Play que é uma encenação em que um é o dono e o outro é seu animal; Needle Play, inserção de agulhas hipodérmicas na pele; Wax Play, jogo de temperatura com o uso da cera de vela no corpo; Asfixia erótica, privação de oxigênio; Spanking, jogo de impacto com palmadas e/ou objetos que cumpram a função de bater; Voyerismo, observar o outro; Exibicionismo, se expor para o outro; e afins.

Em geral, esses jogos se baseiam nas figuras top (dominante) e bottom (submissa). O top é dominante e rege as práticas, como sádicos e bondagistas ativos, e bottom se submete às práticas, como masoquistas e bondagistas passivos. A partir da identificação, de acordo com os gostos e preferências nos papéis das práticas, subidentidades vão sendo formadas dentro do

BDSM. Entretanto, nem todos possuem fronteiras delimitadas fazendo com que haja essa identificação entre figuras que podem ser bottom ou top. Esses são os switchers, que se identificam nessa difusão das divisões e trocas de papéis, podendo ser dominante ou submisso em momentos distintos.

Dentro do grupo, Vera Silva (2018) demonstra o embate que há entre a aceitação da existência ou não do switcher. As práticas do grupo negam os papéis que lhe foram dados socialmente, do homem ativo e da mulher passiva, subvertendo a ordem ao mesmo tempo que acreditam que “quando se é capaz de experimentar uma condição diferente daquilo que foi socialmente reconhecido, esse rompimento possua uma força tal que inviabiliza um “retorno” ao que era esperado.” (SILVA, 2018, p.3314).

Assim, ao entenderem que quem se submete não é capaz de verdadeiramente dominar acabam reiterando a hierarquia social entre “passivo” e “ativo”.

Como categoria incerta, os switchers não costumam ser vistos com bons olhos – são acusados de imaturidade por não terem descoberto ainda sua “essência”, por estarem “em cima do muro”. Por isso, existem muitos switchers em segredo. Contá-los um a um não traz resultados certos, porque há mais switchers do que se imagina. [...] Switchers subvertem a noção de uma natureza dominadora ou submissa que existiria em cada ser humano. Revelam que as posições ideais são exatamente isto – ideais – e que a vida pode ser mais flexível, que o poder pode ser como uma gangorra, passando de um pólo a outro, de uma pessoa a outra na mesma relação. Apontam para a possibilidade de que o sadomasoquismo pode ser uma brincadeira, um jogo. Com isto, podem ferir os brios de adeptos mais “sérios”, para quem a metáfora de brincadeira e de jogo chega a ser ofensiva; a opção switcher torna-se então abjeta, ligada a imaturidade, falta de seriedade, coisa de baunilha¹ e de quem ainda não descobriu sua verdadeira natureza (ou não a assume de vez). (MELO, 2010, p.78-79)

A ambiguidade dos switchers nos papéis duplos representa uma certa descrença entre o grupo. Há uma necessidade de ordenar as estruturas, como demonstra Mary Douglas (s.d), em relação à necessidade que as sociedades têm de delimitar os lugares sociais, de modo que os switchers estariam fora dessa ordem ao bagunçar as fronteiras de um discurso que possui uma certa essencialização. Há a ideia de que alguns já nascem com o desejo de top/bottom, e outros com nenhuma predisposição, e assim, não fazem parte do BDSM. De modo semelhante ao discurso de orientação sexual, que alinha desejos e políticas com o nascimento do indivíduo, entendendo que antes mesmo dele se construir enquanto ele, as preferências já faziam parte do sujeito.

Posição interessante é a da adepta Rainha Frágil, que confirma o contraste com as práticas sexuais convencionais designadas pelo rótulo “baunilha”, defendendo a impossibilidade de uma mulher “baunilha” se tornar uma dominadora ou um homem

¹ Os não adeptos do BDSM.

“baunilha” ser um submisso, ressaltando, contudo, uma possível fluidez entre os papéis dominação/submissão dentro do BDSM. (SILVA, 2015, p.81)

Além das subidentificações dentro da subcultura, há ainda os títulos que são atribuídos de acordo com as vivências em grupo.

A Dominatrix é sempre a Dominadora profissional. Na parte de dominação, tem a dominadora e a sádica. A Domme é aquela que fica mais com a submissa, a Mistress é a que castiga, a sádica. E a Rainha é escolhida pela comunidade. E a Rainha é quem tem algum status maior e tem o que mostrar. No SM, a questão da Rainha supera qualquer homem. Ele pode ser Lord, ser Mestre, pode ser o que for, a Rainha é única na comunidade. Abaixo dela vêm os homens e as mulheres Dominantes e aí vai vindo. Os homens não se dividem dessa forma, eles se dividem como querem. A única diferença que tem é o Mentor, porque o Mentor vai mentorar alguém, não vai dominar alguém. Ele não põe a mão em alguém, ele só mentora. Ele auxilia, aconselha. O resto é tudo nomenclatura que eles dão: Senhor, Lord, Mestre. (entrevista com Mistress Bela, 2007). (FACCHINI, 2012 p. 15)

Outro ponto importante é a utilização da estética para se tornar visível. Além dos acessórios usados durante as *cenar*², como cordas, chicotes, mordças e outros, há também a escolha das roupas. Isso é visível com a Comunidade do Leather³ que utiliza muito do couro e, inicialmente, também do jeans, das boinas, das jaquetas e das botas para os encontros nas festas e *cenar*. Jorge Leite Júnior (2000) fala sobre a importância dos acessórios na caracterização dessas pessoas: a estética do couro é associada a revolta e liberdade; e em certos casos é visto como uma maneira de identificar o adepto, como por exemplo o uso do bracelete do lado esquerdo para submisso, no lado direito para dominador e ambos os lados para switcher.⁴

Calças de couro, coturnos, máscaras de borracha e tantas outras peças de roupa tornaram-se “uniformes” obrigatórios das “*cenar*” S&M⁵. Casas especializadas e festas típicas muitas vezes exigem o chamado “dress code”, tão importantes são os trajes. Mas existe um outro fator que torna a vestimenta fundamental, ao mesmo

² “A divisão de papéis e o uso de “fantasias” se ligam à ideia da atividade BDSM como uma “*cenar*” interpretada por atores. “Fazer uma *cenar*” é se engajar numa atividade sexual BDSM particular, que faz parte de um BDSM play. A comunidade de ativistas e praticantes às vezes também é conhecida como “a *cenar* BDSM”. Através da ideia de *cenar* entende-se que uma atividade sexual BDSM possa ser “ligada” e “desligada”, e que ela não é a vida real, mas existe à parte dela.” (ZILLI, 2007, p.65).

³ A Comunidade Leather ou Comunidade do Couro é uma subcultura originada entre homens gays após a 2ª Guerra Mundial que utiliza do couro enquanto expressão e identidade. Entretanto, atualmente é aberta tanto para pessoas da comunidade LGBT+ quanto para cishéteros fetichistas. “Os Leathers adotavam uma estética marcada pelo uso do couro e comungavam de princípios militares e disciplinares oriundos da carreira militar de vários deles, buscando recriar a camaradagem, o risco e a adrenalina experimentada na Segunda Guerra Mundial [...] Rubin e Butler esclarecem que leather é uma categoria ampla que congrega homens gays com práticas distintas: sadomasoquistas, praticantes de penetração anal com o punho, fetichistas e homens gays másculos que preferem parceiros masculinos” (SILVA, 2018, p.3311)

⁴ MR. Leather. Direção de Daniel Nolasco. São Paulo, 2019.

⁵ Sadismo e masoquismo.

tempo em que a define como mais um dado de diferenciação com a sexualidade “normal”: toda a roupa é erotizada. (LEITE JUNIOR, 2000, p.33).

Enquanto uma subcultura que entende o sexo para além da genitália, o uso do imaginário do outro e a forma como se apresenta ao mundo faz parte do início da cena. De modo que “o objetivo é causar desejo, medo, transmitindo poder e sensualidade: “A própria roupa está geralmente associada ao poder, e a nudez com a falta dele”. Ora, enquanto os “baunilhas” se despem para o sexo, os adeptos do S&M vestem-se para fazê-lo.” (LEITE JUNIOR, 2000, p.33).

Assim, a estética BDSM se difunde através do mundo da moda e de cantores como Madonna que lançou, em outubro de 1992, seu álbum “Erotica” e videoclipe da canção de mesmo nome com diversos elementos de S&M⁶. Tal influência fez com que o tema chegasse a mais pessoas e no Brasil reportagens a referenciam associando as tendências da cantora à abertura de clubes sadomasoquistas.

Figura 1: Jornal Folha de São Paulo em 1992



Fonte: Equina Nur, 2020⁷

A moda incorpora a estética e desfiles com grandes nomes se utilizam da novidade da imagem dos praticantes de S&M.

Figura 2: Desfile Thierry Mugler em 1992

⁶ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=WyhdvRWEWRw>>. Acesso em: 27 mai. 2024.

⁷ Disponível em:

<<https://medium.com/bdsm-de-iniciante/desejo-secreto-e-a-hist%C3%B3ria-do-bdsm-no-brasil-ad7afb3e3689>>. Acesso em: 17 jan. 2024.



Fonte: Vogue Runway⁸

Figura 3: Drag queen Violet Chachki no desfile de Richard Quinn em 2022



Fonte: Vogue, 2022⁹

1.2 PSIQUIATRIZAÇÃO DO BDSM

⁸ Disponível em:

<<https://www.vogue.com/fashion-shows/spring-1992-ready-to-wear/mugler/slideshow/collection#1>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

⁹ Disponível em:

<<https://vogue.globo.com/desfiles-moda/noticia/2022/02/richard-quinn-londres-inverno-2022.html>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

É pertinente ressaltar que, os riscos trazidos por essas atividades são sempre levados em conta¹⁰, por isso todas as práticas do BDSM são regidas pelo lema: São, Seguro e Consensual (SSC), que tem como pré-requisitos respectivamente:

a saúde física e mental dos envolvidos; o domínio das técnicas eróticas que serão aplicadas, a higiene dos apetrechos utilizados, o cuidado com o corpo do outro, portanto, a segurança; e a negociação entre os envolvidos sobre o que será feito e seus limites, consensualmente. (SILVA, 2016, p. 26)

Isso pode ser visualizado em ações como a utilização de códigos de segurança, isto é, as “*safewords*” ou “palavras de segurança”, que podem ser palavras ou gestos que demonstrem que algum limite foi ultrapassado e já não há mais o consentimento para a continuidade, fazendo com que o jogo pare naquele momento.

O SSC é uma das características que os diferenciam de outras pessoas que possuem apenas práticas de BDSM incorporadas e caracteriza o grupo em si, visto que a preocupação com o consentimento e a segurança é uma das coisas que conduzem suas ações. Entretanto, apenas em 2018, após anos de luta do Revise F65 - movimento norueguês de BDSM com o objetivo de retirar as práticas fetichistas das classificações de doença -¹¹ a Organização Mundial da Saúde retirou o fetichismo, travestismo fetichista e o sadomasoquismo da Classificação Internacional de doenças (CID)¹². Contudo, a medida só entraria em vigor em 2022, pondo a consensualidade como critério para definir o que é ou não doença.

Contudo, Vera Silva (2016) explica sobre como na 5ª revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM) é mantido enquanto transtornos parafilicos: transtorno voyeurista, exibicionista, fetichista, transvêstico e de masoquismo e sadismo, mesmo depois do “grupo de pesquisadores responsável por rever a definição e os parâmetros destes diagnósticos para o DSM-V, ter indicado sua retirada do Manual, isto não ocorreu.” (SILVA, 2016, p.36).¹³ Ou seja, mesmo que o consentimento ateste sanidade e vá de encontro ao entendimento deles de “doença”, há uma escolha em manter essas pessoas na categoria de

¹⁰ “Outro elemento a considerar sobre os riscos está relacionado ao fato, além da dor e da erotização dos corpos, de serem práticas que implicam uma tríplex relação: a entrega da pessoa que se submete e, essa entrega como, por exemplo, a amorosa indica uma confiança cultivada em relação ao parceiro; o cuidado da pessoa que domina que, como já indicado, exige um aprendizado constante; e, finalmente, o controle da comunidade ao propiciar atividades pedagógicas e uma atenção singular diante de casos que venham a extrapolar o “são, seguro e consensual”.”(GREGORI, 2014, p. 68).

¹¹ Disponível em:

<<https://revisef65.net/2018/06/19/bdsm-fetishism-sadomasochism-global-milestone-human-rights-reform/>>.

Acesso em: 18 jun. 2024.

¹² O DSM-5 foi publicado em 2013 e inicialmente revisado em 1999. A sexta revisão ainda não foi publicada, porém em 2022 foi lançado o DSM-5-TR que aparentemente reorganiza as classificações, mas que essa pesquisa não teve acesso para saber se houve a retirada numa mudança mais recente.

¹³

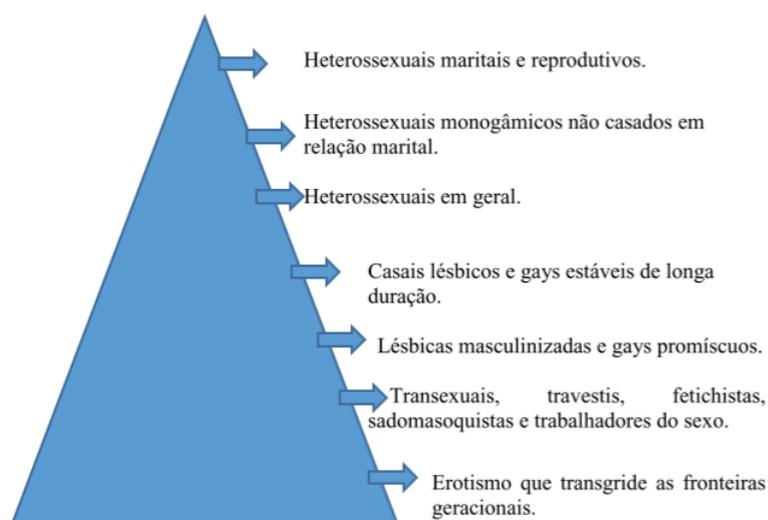
doentes. Além disso, inquietantemente, os mantém na categoria de parafilias dentre as quais se encontra a pedofilia, por exemplo, constatando a real questão como a fuga das expectativas comportamentais na caracterização daquilo que é considerado enquanto doença.

No DSM-I, de 1952, os “desvios sexuais” estavam incluídos na subcategoria “perturbações sociopáticas da personalidade” (onde figuravam homossexualidade, travestismo, pedofilia, fetichismo e sadismo sexual, incluindo estupros, ataques sexuais e mutilações); o DSM-II, de 1968, falava de “desvios sexuais” no âmbito dos “distúrbios da personalidade e outros distúrbios mentais não psicóticos” (sendo listadas nove categorias, incluindo ainda a homossexualidade); no DSM-III, em 1980, é introduzido o termo “parafilias” no grupo dos “transtornos psicosexuais”, incluindo 22 itens. O DSM IV traz 27 transtornos sexuais sob a categoria “transtornos sexuais e de identidade de gênero”, subdivididos entre “disfunções sexuais”, “parafilias” e “transtornos de identidade de gênero” (Russo, 2004).” (FACCHINI & MACHADO, 2013, p.209)

Desse modo, segundo Vera Silva (2015), é na relação entre a jurisprudência e psiquiatria que o “perverso sexual” nasce no século XIX. É interessante observar que, apesar da estigmatização, eles demonstram segurança sobre o que fazem, não aceitando essa rotulação.

A apropriação com sentido erótico da categoria sadomasoquismo e/ou a adesão ao acrônimo BDSM têm se feito presentes no Brasil desde pelo menos a década de 1980, com a organização de uma comunidade que imagina a si mesma a partir da adesão a um conjunto diverso de práticas eróticas e a noções relacionadas à consensualidade e à segurança, marcadas pela (des)identificação com perspectivas patologizantes. (FACCHINI & MACHADO, 2013, p.196)

Figura 4: “Círculo mágico” de Gayle Rubin representado por Vera Silva



Fonte: SILVA, 2015, p.74

Se há o entendimento de que o sexo é pautado a partir da procriação, hierarquias de sexualidade são criadas (figura 4), e tudo o que está distante desse fim acaba por ser enquadrado enquanto perversão, dando origem ao sadismo e ao masoquismo. Segundo Silva, até esse momento a tradição judaico-cristã não considerava pecado ou doença o sofrimento físico e mental, sendo até cultuados.

O termo sadismo encontra sua inspiração na obra literária do Marquês de Sade, significando uma aberração horrível da devassidão, um sistema monstruoso e antissocial que afronta a natureza. Já o termo masoquismo surge da obra literária de Sacher-Masoch. A partir do século XIX, ambos os termos passaram a definir sexualidades consideradas desviantes do padrão normal, ou seja, relações genitais heterossexuais entre adultos. [...] Vale ressaltar que o sadismo próprio da filosofia de Sade nada tem a ver com o sadismo praticado pelo grupo BDSM, uma vez que aquele defendia que o prazer deveria ser conquistado à força, nunca de forma consensual, como defendido no BDSM. Já no masoquismo de Sacher-Masoch, cabe à mulher, a posição de dominadora, que, no entanto, deve ser treinada e estar à altura do escravo. Já nas relações BDSM, a posição de dominação não possui gênero, podendo, portanto, ser desempenhada por homens ou mulheres. (SILVA, 2018, p.3311)

Essa classificação das perversões em oposição a normalidade sexual formam a estratificação sexual (ver figura 4), visto que a patologização de certas práticas mantém essa hierarquia (RUBIN, 2017). Ao compreender que alguns comportamentos sexuais seriam tão desagradáveis que ninguém em sã consciência os praticaria, aqueles que foram “pegos” praticando eram dados enquanto doentes e incapazes de consentir, e nos casos que eram vistos enquanto capazes de consentimento, eram considerados criminosos. Nessa lógica, os praticantes de sodomia, homossexuais, travestis, prostitutas e sadomasoquistas poderiam ser julgados judicialmente e responderiam enquanto criminosos sexuais, mexendo assim com as fronteiras entre violência sexual e os atos ilegais consensuais. Um dos casos mais conhecidos de julgamento de um sadomasoquista, possui em seu discurso o reconhecimento de insanidade dos praticantes e, por isso, mesmo que o réu afirmasse que não havia agressão cometida, pois o ato foi consensual, o tribunal rejeitou seu recurso.

Ao rejeitar seu recurso, a corte declarou “ninguém deve aceitar consensualmente a agressão ou assédio, salvo quando envolva contato físico ordinário ou golpes acidentais em esportes como futebol americano, boxe ou luta Greco-Romana”. A corte persistiu ao notar que, “o consentimento de uma pessoa sem capacidade legal para dar o consentimento, como uma criança ou uma pessoa insana, é ineficiente” e que, “é matéria do senso comum que uma pessoa normal em plena capacidade de suas faculdades mentais não consentiria livremente ao uso, em si mesma, de uma força que provavelmente causaria grandes feridas corpóreas”. Por esse motivo qualquer pessoa que consinta em ser chicoteado seria presumida como non compos mentis e legalmente incapacitada a consentir. O sexo S/M geralmente envolve um nível muito menor de força do que um jogo de futebol americano e o resultado são

menos feridas do que a maioria dos esportes. Mas a corte declarou a sanidade dos jogadores de futebol americano ao passo em que declarou a insanidade dos masoquistas. (RUBIN, 2017, p.121-122)

Para além do sadismo, o que mais incomodava era a transgressão de gênero na inversão de papéis considerados masculinos, enquanto dominantes, e femininos, enquanto submissos. Entendendo o sistema de gênero enquanto produção de poder e não apenas enquanto essência ou construção¹⁴, as expressões do sujeito o identificam no sistema binário masculino/feminino de acordo com os papéis e modos de se comportar, produzindo expectativas comportamentais de gênero. Entretanto, na hierarquia do BDSM não há uma estrutura rígida de qual gênero deve fazer o que, pois o ponto principal é o prazer em fazer ou estar naquele papel, para além das normas de gênero.

Além de termos que contemplar as relações entre as pessoas no marco de uma comunidade, existe outro aspecto que me parece especialmente importante: as posições ocupadas pelas pessoas e as interações estabelecidas entre elas não são pautadas pelo sexo biológico dos parceiros. Ser mulher ou homem não é critério de dominação ou de submissão. Também não há uma exigência de que essas posições sejam estipuladas a partir da orientação sexual. É possível que um heterossexual seja sub ou mestre de alguém do mesmo sexo. Também, há a possibilidade de o jogo erótico envolver uma relação sem, necessariamente, haver sexo. (GREGORI, 2015, p.254)

É perceptível o incômodo sistemático de uma prática que desnaturaliza os homens enquanto dominantes e, por consequência, superiores às mulheres. Isso é percebido no distanciamento dos grupos de BDSM pelos heterossexuais, que veem o *leather* associado a características femininas.

Já o sadomasoquismo heterossexual, ainda conforme Rubin, organizou-se por quase todo esse período em torno de anúncios sexuais, dominação profissional e alguns clubes sociais privados. Para esse grupo, o *leather* era um fetiche inserido em um imaginário de elementos predominantemente femininos, e os poucos caracteres masculinos existentes, geralmente, eram efeminados. (SILVA, 2018, p.3311)

Ademais, essa visão exterior a subcultura de que o dominante/submisso tem uma relação de superioridade/inferioridade vai contra a própria lógica do BDSM. Essa assimetria de poder entre comandante e comandado vem a partir da escolha e autonomia do submisso, não existindo relação alguma sem o consentimento deste, de modo que “dominador e submisso devem ser apreendidos sempre de forma relacional, um forma o outro em um ciclo

¹⁴ “o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados.” (BUTLER, 2018, p. 44)

contínuo, sendo, no fundo, difícil dizer quem domina e quem se submete. O peso do chicote liga a mão que o empunha ao corpo que o recebe” (SILVA, 2018, p. 3316).

1.3 HISTÓRIA DO BDSM

As práticas da subcultura se desenvolvem muito antes da criação e nomeação do grupo. Segundo Anne O' Nomis (2013), há a presença de práticas sadomasoquistas desde a Idade Antiga como a deusa suméria Inana (por volta de 2285–2250 A.C.) que é conhecida como deusa do sexo, do erotismo e da fertilidade, responsável pela reprodução do modo de vida. Na mitologia, Inana fazia com que seus submissos fossem chicoteados enquanto dançavam nos rituais.

Figura 5: Deusa Inana segurando um chicote e um leão com armas nas costas e capacete de chifre.



Fonte: Anne O Nomis, 2013, p.43

Além disso, há a figura da Tumba da Flagelação (por volta de 490 anos A.C.) na Necrópole de Monterozzi, Itália, e o livro Kama Sutra (entre o séc. II e IV D.C.), texto indiano escrito por Vatsyayana sobre as tradições hindus e as relações sexuais. Já havia referência ao uso da dor como prazer com as mordidas e formas de bater de modo consensual e seguro nos atos sexuais.

Figura 6: Tumba da Flagelação



Fonte: Dimosthenis Vasiloudis, 2023.¹⁵

Na Idade Média, a figura da Dominatrix aparece a partir do conto de Filis e Aristóteles. Na história, Filis teria seduzido Aristóteles e o feito ficar de quatro para que ela pudesse cavalgar em suas costas, o chicoteando (atualmente essa prática é conhecida como “pony play”) na frente de seu aprendiz Alexandre, o Grande. Apesar da parábola ter o intuito de avisar sobre os perigos da sedução de uma mulher, o conto se tornou uma obra erótica e foi recriado por diversos artistas em esculturas, pinturas e gravuras durante os séculos seguintes. Hoje é entendido enquanto o início da figura da dominatrix.

Figura 7: Obra de Lucas van Leyden, por volta de 1515.



Fonte: Joelza Ester Domingues, 2017.¹⁶

¹⁵

Disponível

em:

<

<https://www.thearchaeologist.org/blog/the-etruscan-tomb-of-the-whipping-apotropaic-eroticism-and-the-afterlife/>. Acesso em: 15 fev. 2024.

¹⁶ Disponível em: < <https://ensinarhistoria.com.br/aristoteles-e-filis-misogina-medieval/>>. Acesso em: 15 fev. 2024

Anne O' Nomis (2013) explica como o arquétipo da dominatrix enquanto uma mulher disciplinada e poderosa ia contra todo o modelo patriarcal de submissão feminina e inicialmente as dominatrixes aparecem enquanto uma especialização dentro dos bordéis, com o pedido dos clientes, e somente depois surgem num nicho próprio, para além dos bordéis. É através da erotização de uma mulher disciplinante e poderosa que as práticas sadomasoquistas são passadas da Idade Média até o início da Idade Contemporânea (NOMIS, 2013).

Em 1870, Leopold Sacher-Masoch lança a obra “Vênus das peles”, que mistura ficção e suas próprias histórias ao contar da dominação de uma mulher. Em 1886, o psiquiatra Richard Freiherr von Krafft-Ebing cunha as palavras “masoquismo”, derivada de Sacher-Masoch, e “sadismo”, vinda do escritor Marquês de Sade que tratava sobre o prazer em provocar dor em seus escritos¹⁷, que denominavam anomalias sexuais.

A origem da subcultura do BDSM é controversa e apesar de haver práticas sadomasoquistas desde a Antiguidade, a subcultura propriamente dita é geralmente compreendida a partir da década de 40 e 50 nos Estados Unidos com a Comunidade e o Movimento do Couro. Entretanto:

Em sua análise acerca da relação sadomasoquista de um casal vitoriano e a forma como dramatizaram as mudanças sociais de sua época, McClintock situa o nascimento da subcultura sadomasoquista na Europa por volta do fim do século XVIII, com a emergência da era industrial. No entanto, os jornalistas Brame et al., que produziram um amplo levantamento acerca das práticas sexuais que envolvem a dominação e a submissão, relatam o surgimento do BDSM, tal como se expressa e articula hoje, tendo início entre as décadas de 1940 e 1950 nos Estados Unidos, por meio de um grupo de homens gays que se intitulavam “Movimento Leather”. (SILVA, 2018, p.3311)

¹⁷ Atualmente se entende o quanto a dominação para Marquês de Sade não envolvia o consentimento do outro, entretanto naquele momento foi o pontapé para que outras obras fossem instigadas.

Figura 8: Foto de Satyrs, um dos primeiros moto clubes gays.



Fonte: Documentário “Original Pride: The Satyrs Motorcycle Club”, 2005, Scott Bloom.¹⁸

Houve também a influência do sadomasoquismo lésbico entre os anos 60 e 80 e o conflito com o feminismo antipornografia. Alguns grupos de BDSM lésbico, como Samoís¹⁹, tinham o objetivo de sair da margem das práticas sadomasoquistas de homens gays e heterossexuais construindo espaços seguros dentro das comunidades lésbicas, que na época tinha uma corrente com forte discurso antipornografia e antiBDSM. As feministas radicais acreditavam que o S/M reproduzia a dominação masculina sobre as mulheres e incentivava a violência, fazendo parte da rede pornográfica que as degradava. Já as adeptas de BDSM argumentavam sobre os papéis de gênero fluidos que havia no meio BDSM, com ausência de normas fixas de gênero entre dominantes e submissos; e a libertação do BDSM enquanto sexualidade legítima para ambos os gêneros, sendo um espaço de autonomia do corpo para mulheres, além de apontar para os perigos na estigmatização de sexualidades que já são reprimidas socialmente.

Entre o círculo dos sadomasoquistas heterossexuais havia uma busca por distinção entre eles e os grupos de BDSM, pois os viam enquanto um meio pouco masculino, propiciando o surgimento numa lógica mais mercadológica, com dominações profissionais e

¹⁸ Disponível em: <https://www.frameline.org/distribution/films/original-pride-the-satyrs-motorcycle-club>. Acesso em: 28 fev. 2024.

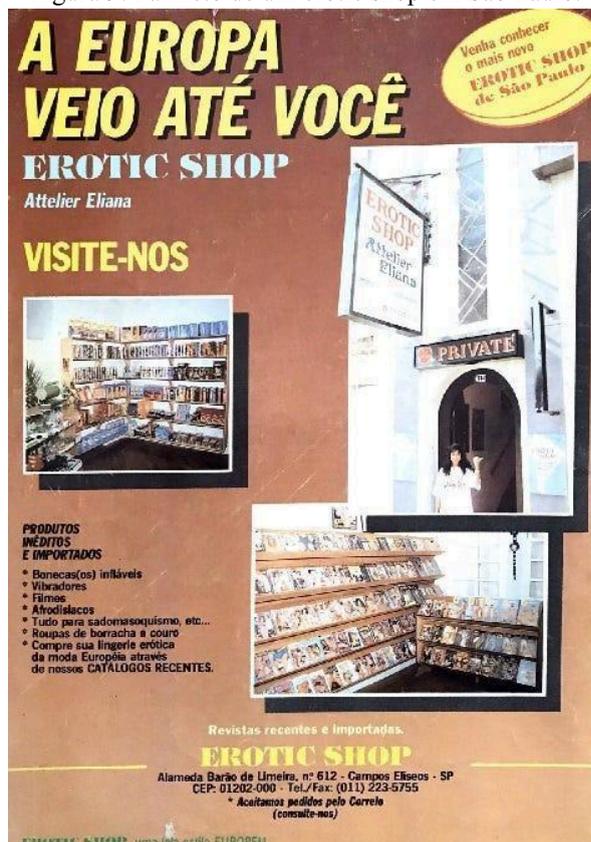
¹⁹ Organização lésbica sadomasoquista fundada em 1978 a partir do Cardea- uma corrente lésbica da Sociedade de Janus, um grupo de heterossexuais e LGBTs de São Francisco/EUA. Uma de suas fundadoras foi a antropóloga Gayle Rubin.

clubes privados se distanciando da subcultura BDSM que se construía com pessoas LGBTQIAPN+²⁰.

Weiss data o surgimento de comunidades fetichistas, de bondage e de spanking (técnica erótica de disciplinamento que faz uso de palmadas, por exemplo) também na década de 1950. Segundo ela, em diversos lugares dos EUA, esses grupos, predominantemente formados por heterossexuais, permanecem separados da comunidade BDSM. (SILVA, 2018, p.3311-3312)

No Brasil, os acessórios do BDSM chegam primeiro que a subcultura. É através do mercado que as pessoas vão acessando o fetichismo. Inicialmente pelos sex shops e livros eróticos como os de Glauco Mattoso²¹e Wilma Azevedo²², jornalista que viaja para clubes nos Estados Unidos e conta suas experiências em seus livros, e que usa o termo “SM-erótico” para desvincular as práticas sadomasoquistas das patologias.

Figura 9: Panfleto de um erotic shop em São Paulo.



Fonte: Equina Nur, 2020

²⁰ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não Binários, + todas as formas de identidade de gênero e orientação sexual que estão fora da cisheteronormatividade.

²¹ Em 1986 publica o “Manual do Podólatra Amador: Aventuras & Leituras de Um Tarado Por Pés” em que assume publicamente o prazer que tem por pés misturando ficção e experiências próprias.

²² Jornalista que escrevia colunas para revistas eróticas. Publicou em 1986 “A Vênus de Cetim: O sadomasoquismo no Brasil” e outros livros sobre o tema como “Sadomasoquismo sem medo” (1998) e “Tormentos deliciosos” (s.d).

Figura 10: Revista Clube dos Homens - Ano II - N° 18



Fonte: Dom Barbudo, 2020.²³

Em 1983, Cosam Atsidas, submisso de Wilma Azevedo, fundou a Associação Brasileira de Sadomasoquismo (ABS), que por falta de recursos durou pouco tempo e não foi adiante, assim como outras iniciativas, como o SoMos, o Dominna e o Valhala²⁴. A dificuldade em aprender a fazer as práticas de BDSM com segurança fazia com que para ter acesso fosse necessário importar o conteúdo de outros países, o que acabava tornando uma prática financeiramente cara.

O SoMos foi criado em 1992 e seu objetivo era propiciar um espaço onde pessoas interessadas em BDSM pudessem encontrar outras que têm as mesmas fantasias, conversar, trocar experiências, tirar dúvidas. Entre suas atividades, estavam “dias de estudo, debates e workshops”. A ideia que o animava era a de possibilitar a prática do sadomasoquismo, minimizando riscos tidos como inerentes a esse tipo de prática. (FACCHINI, 2012, p. 8-9).

²³ Disponível em: < <https://dombarbudo.com/guia/o-que-e-bdsm/como-o-bdsm-chegou-no-brasil/>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

²⁴ “o Dominna, voltado para a reunião da “comunidade SM e fetichista”. O clube existiu entre 2004 e 2010 e, a princípio, entre os próprios sócios-proprietários havia um casal de mulheres que mantinha uma relação SM. Antes desse, houve em São Paulo outro clube, com que tive contato ainda em 2001, quando pesquisava o movimento LGBT e que se chamava Valhala. Numa busca sobre o Grupo Somos na internet, encontrei o antigo Valhala. Tratava-se de um clube que mantinha relação com um grupo chamado SoMos.” (FACCHINI, 2012, p.8).

Figura 11: Notícia do encontro do grupo SoMos no Jornal folha de São Paulo, 1992.

Funcionária pública descobre masoquismo

Da Reportagem Local

M.F., 40, funcionária pública, é masoquista. Ela diz que descobriu isso há 15 anos e lamenta o tempo que perdeu se "reprimindo". Formada em Ciências Sociais, M.F. nunca se casou, mora com os pais e tem dois parceiros "dominadores" (sádicos) com quem se encontra periodicamente. Acha "preconceituosa" a classificação de perversão para o masoquismo.

Segundo ela, o pior momento para um masoquista é a escolha do parceiro. "O dominador sempre pode ultrapassar os limites do suportável", diz. M.F. afirma

que já correu risco de vida em pelo menos uma relação S&M.

"Agora tomo mais cuidado. Deixo claro quais são os meus limites, entro em detalhes e escolho os acessórios, se for preciso", afirma. Ela frequenta sex-shops em busca de "novidades" e reclama da "falta de opções" que as lojas nacionais apresentam.

Na última quarta-feira, um grupo de sadomasoquistas vindos do Rio, São Paulo e Amazonas se reuniram no bar Dom Quichopp, na avenida Ibirapuera (zona sul de São Paulo), para discutir o tema. Entre as cinco pessoas presentes, havia um engenheiro um médico e um professor universitário. Só

um dos participantes era mulher. Todos tinham entre 30 e 40 anos.

Segundo o organizador do encontro, R.T., que não quis revelar sua profissão, o grupo foi se formando a partir de indicações dos integrantes. Ele diz que considera arriscado iniciar uma relação a partir de troca de correspondência, por exemplo. "É uma situação perigosa, que envolve a segurança de pelo menos um dos lados", afirma.

Entre os acessórios usados na prática sadomasoquista estão desde o clássico chicote até presilhas para órgãos genitais e imobilizadores de ferro e madeira que impedem qualquer movimento dos membros. (TO)

Fonte: Equina Nur, 2020

É com a internet que o acesso às práticas começa a se difundir. Em 2001, o blog Desejo Secreto²⁵ é criado e possui diversas informações sobre o mundo do BDSM, como práticas com segurança, contos, notícias, traduções de textos BDSMers²⁶ estadunidenses e até uma sessão de classificados. Houve também o uso das salas de bate-papo da Uol e Yahoo e a rede social Orkut! e mais recentemente, por volta de 2010, o uso da rede social Fetlife e do jogo Second Life.

"Como uma extensão do Desejo Secreto, uma nova e pequena editora dedicada a temas BDSM surgiu no mercado, lançando como seu primeiro título um livro com explicações desmistificantes e educativas sobre o assunto. Então, com seus primeiros e excitantes passos, uma cultura BDSM brasileira nasceu." (KLEINPLATZ & MOSE, 2006, p. 263, tradução nossa)

2 "INSIDE" DO OUTSIDER

2.1 TRAJETÓRIA ATÉ O TEMA

²⁵ Disponível em: <<https://desejosecretobdsm.wixsite.com/desejosecreto>>. Acesso em: 27 mai. 2024.

²⁶ Termo utilizado pelos adeptos em seus grupos online e blogs que se refere aos praticantes de BDSM.

Enquanto um corpo tido como desordenado por, diversas vezes, fazer parte da estrutura vigente sendo considerado o “outro”, me encontrar na Academia foi um processo de descoberta que me levou a autores que repensavam instituições tidas enquanto atemporais e incontestáveis. Esses autores fizeram com que a ótica daquilo que é questionado enquanto transgressão me atraísse e me levasse frequentemente a estar entre esses transgressores, compreendendo como nos reinventamos e nos reorganizamos a partir das classificações entre o “nós” e o “eles” e como os grupos e identidades são criados a partir das exclusões que as classificações propiciam. Assim, entendendo o sexo enquanto uma categoria discursiva, histórica e analítica, e a transgressão enquanto uma subversão da ordem, encontrei um debate sobre o movimento LGBTQIAPN+ e sua relação com o BDSM. Havia um blog sobre a história do BDSM e a presença LGBTQIAPN+ nele, a pessoa que escrevia defendia a presença dos BDSMers nas paradas LGBTQs+. O assunto me despertou interesse por perceber que apesar de fazer parte de um grupo de estudos sobre gênero, sexualidade e raça já há alguns anos, não fazia ideia de que a história do movimento LGBTQIAPN+ era traçada pela subcultura do BDSM e que para além disso, subgrupos como a Comunidade do Couro, tinham importância na luta pelos direitos LGBTQs+.

Em busca de respostas sobre a ligação entre os grupos, resolvi fazer um pré-campo, por meio de um questionário, sobre o subversivo na comunidade LGBTQIAPN+, fazendo um comparativo entre o que estudava sobre a comunidade LGBTQ+ e o que as pessoas da comunidade entendiam enquanto subversão e as visões que tinham sobre BDSM. O que encontrei foi uma visão da relação da promiscuidade com a homossexualidade e a transgeneridade que fazem parte dos estereótipos no imaginário comum social. A fuga e a luta para sair dessa caixa de “sujeira” e promiscuidade, muito associada à época do surto de HIV/AIDS no Brasil na década de 80/90, fez com que houvesse uma resposta contrária, havendo uma busca por encaixe e seleção das pautas principais para o movimento que levou a retirada das questões de liberdade sexual.

Também foi percebido que a subversividade sexual não está necessariamente e diretamente ligada às práticas sexuais LGBTQs+, pois subculturas sexualmente subversivas como a Comunidade do Couro e os grupos de BDSM são pautados também por cishéteros. Visto que o subversivo é dado enquanto um conceito que vem associado à ideia da contra norma num âmbito social e político, no prisma da sexualidade as práticas ditas subversivas são plurais e vão de acordo com as vivências e os meios que o indivíduo vive, já que o que pode ser subversivo para um grupo, pode não ser para outro.

Ao longo dessa jornada em busca de repostas sobre o que havia ocorrido para que atualmente pouco se falasse sobre a correlação desses grupos, os estudos das subculturas se mostraram e percebi que já não queria mais pesquisar a trajetória do movimento até o presente na retirada das pautas de liberdade sexual, mas sim como a subcultura do BDSM se relaciona com a comunidade LGBTQIAPN+ atualmente. Assim, investigando o que acontece quando uma comunidade entendida enquanto desviante se encontra dentro de outros desvios.

2.2 NOTA METODOLÓGICA

Os dados que serão utilizados nesta pesquisa foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com BDSMers e LGBTQs. Os nomes que aparecerão ao longo da pesquisa são fictícios e as falas serão também enumeradas por trechos. O fato de todos os interlocutores serem LGBTQs não foi uma busca intencional, o próprio campo me apresentou a partir das pessoas que passavam o contato das outras, e dos perfis que encontrava nas páginas de BDSM das redes sociais e aceitaram participar, sem haver nenhuma especificação minha sobre indicar adeptos LGBTQs ou heterossexuais.

Ademais, foi de suma importância, antes de ir a campo, ter acompanhado blogs e grupos online de BDSM, principalmente considerando que:

a internet se tornou um importante meio de comunicação mundial, disseminando informações e estreitando laços entre pessoas e diferentes culturas. Contudo, quando as práticas estudadas e seus sujeitos são marcadas pelo estigma, a internet se apresenta como um locus de estudo por excelência graças ao alto grau de anonimato que envolve os internautas. Este é o caso do BDSM. Sendo uma subcultura marcada pelo estigma, na qual a guarda de um segredo comum congrega seus praticantes, pode-se inferir a importância do ciberespaço tanto para o fortalecimento do grupo e a disseminação de seu estilo de vida. (SILVA, 2018, p.3312)

Entrevistar já conhecendo termos e alguns debates existentes entre eles fez com que a entrevista fluísse e a relação entrevistador e entrevistado não ficasse completamente rígida, pois, descartou a necessidade de que explicassem os termos que estavam utilizando, segundo se sentissem mais à vontade, no lugar de ter que empregar termos que simplificassem a explicação para uma pessoa de fora da subcultura. Em outros momentos, o uso de certas nomenclaturas sem explicação pareceu ser um teste para entender até onde, ou o quê, eu sabia sobre o grupo; ao perceberem que eu entendia, uma relação de maior confiança foi sendo construída.

2.3 NA BUSCA PELOS INTERLOCUTORES

O fato de estar falando sobre sexo fez com que o tema se tornasse algo engraçado, não só nas marcações das entrevistas, como também, entre meus amigos, e assim se tornasse sempre uma pauta nos encontros e mesas de bar. Foi assim que encontrei os primeiros interlocutores. Como já suspeitava, tudo o que precisava era encontrar um participante da subcultura para conseguir os demais entrevistados, a partir das redes de relações. Ter encontrado alguém do grupo que apoia essa pesquisa fez com que a jornada fosse mais fácil em momentos em que achei que não conseguiria acessá-los. Por conta de um integrante ativo nas discussões e cenas foi possível conhecer melhor o grupo e ser indicada aos adeptos, que antes de aceitar a entrevista já haviam conversado com esse apoiador, que acreditava na pesquisa e esteve disposto a fazer essa ponte.

Por ser lida fora da cisheteronormatividade²⁷, os temas associados à vivência LGBT+ eram facilmente compartilhados sem pudor algum, chegando até a ser ponto de encontro num entendimento de que eu estaria fora dela, mesmo que na maioria das entrevistas não houvesse a pergunta sobre minha orientação sexual e identidade de gênero, e que de alguma forma entenderia o que estava sendo relatado sem haver a explicação de termos ou de ambientes LGBTQIAPN+ de sociabilidade em Aracaju, o que facilitou a relação de confiança nas entrevistas.

Nem todos os participantes que, de início estavam dispostos a serem entrevistados, de fato aceitaram marcar uma entrevista e fazer a gravação. Por vezes, tocar num assunto que é tido como âmbito privado, era visto enquanto flerte ou piada, o que dificultou em alguns casos as marcações das entrevistas. Nos casos em que entendiam inicialmente como flerte, à medida que a conversa se encaminhava para a marcação da entrevista, as pessoas não queriam ser identificadas ou vistas de nenhuma forma, talvez por uma insegurança da partilha com alguém “de fora”; logo me ignoravam ou bloqueavam meu perfil/contato. Dentre os que facilmente aceitavam o convite, uns diziam ter como motivo serem acadêmicos que gostariam que as pessoas também fizessem por eles em algum momento, outros iam pela curiosidade do que eu estava pesquisando e do que eu queria com aquilo. Percebi ao longo das entrevistas

²⁷ "a cisheteronorma é naturalizada de tal modo que suas regras se tornam culturalmente impostas visando produzir, desde a infância, corpos e subjetividades para que estes sejam cisgêneros e heterossexuais, infligindo punições contra aqueles/as que a subvertem e reforçando comportamentos daqueles/as que se adequam para que (re)produzam outros corpos e subjetividades que se adequem à cisheteronorma." (ROSA, 2020, p.100).

que em algum momento sempre havia a necessidade da troca, das perguntas direcionadas a mim, como se em retorno daquela abertura deles eu devesse me abrir também, para que entendessem meu objetivo e por que eu queria pesquisar e levar esse tema para a Academia se eu me afirmava não adepta. As entrevistas foram também espaços de desabafo de suas trajetórias, dificuldades e prazeres de se entender enquanto LGBTQIAPN+ e/ou BDSMer.

Além disso, seja pelo fato desses grupos estarem constantemente preocupados com sua segurança ou por estarem cedendo uma entrevista sobre BDSM para uma estranha, foi também uma preocupação marcar a entrevista em um local que fosse seguro e confortável, tanto para mim quanto para eles. Do meu ponto, imaginar estar sozinha com um desconhecido numa entrevista de tema sexual, fez com que a escolha do ambiente das entrevistas me deixasse com certo receio, por isso a maioria das entrevistas foram feitas geralmente em cafeterias que os entrevistados escolheram e que pareciam ter familiaridade com o local.

2.4 CONHECENDO OS INTERLOCUTORES

À medida que as relações e identidades foram se apresentando dentro da subcultura, eu percebi três identificações distintas, e portanto, os dividi em três categorias em relação ao lugar no grupo:

1. Não praticante: aqueles que não praticam o BDSM nem se entendem enquanto integrantes da subcultura.
2. Praticante: tem práticas do BDSM, mas não se entende enquanto integrante da subcultura.
3. Adepto: praticante de BDSM e integrante da subcultura.

A maneira que os interlocutores serão apresentados é baseada em como se autodenominam e se identificam, nem todos se dão as mesmas categorias, por isso há recortes em que somente algumas entrevistas aparecem. Apesar de todos os interlocutores estarem listados, somente algumas entrevistas são citadas, pois ao longo das conversas alguns pontos foram se tornando repetitivos. Segue os interlocutores:

- Paula: Praticante de BDSM que não se entende enquanto integrante da subcultura. Seus fetiches estão em descoberta, atualmente está em busca de novas práticas e geralmente gosta de cenários de dominação/submissão, experimentando ambos os papéis, jogos de wax play e privação de sentidos. LGBT, autista, negra, 23 anos, é assessora parlamentar e casada num relacionamento exclusivo.
- Matheus: Adepto do BDSM e suas cenas se baseiam a partir dele enquanto dominador, pratica principalmente shibari e spanking. É ativo nas discussões de BDSM e possui grandes redes na subcultura, sendo elo entre alguns participantes das entrevistas. É fotógrafo e seu trabalho é baseado em sessões que ligam o BDSM a fotografia, usa das redes sociais enquanto um instrumento de trabalho e desmistificação do BDSM. Bissexual, branco, 28 anos, casado num relacionamento não monogâmico.
- Rafael: Não praticante. Apesar de já ter experimentado algumas práticas de BDSM, sem nomear na época enquanto tal, não gostou nem possui interesse pelo BDSM. É drag queen e suas performances de drag utilizam de elementos do BDSM, como o látex, as chokers, e estéticas dominantes muito usadas no meio do BDSM. Gay, negro, 26 anos, vendedor.
- Alice: Adepta, submissa que pratica principalmente shibari, bondage e sadomasoquismo. Bissexual, 27 anos, não monogâmica, gerente de loja.
- Camila: Praticante de BDSM e se entende enquanto fetichista, para ela o fetichismo é maior que o BDSM (entende como algo específico dentro do fetiche), é dominante e, além de roles play, pratica wax play. Dona de um sex shop, que usa seu trabalho como forma de desmistificar o prazer com o uso do perfil nas redes sociais discutindo sobre as diversas formas de acessar o prazer estimulando o conhecimento do próprio corpo e temas “tabus” dentro do sexo. Bissexual homoafetiva, 26 anos, em um relacionamento não monogâmico.
- Marina: Não praticante e encontrou o tema a partir das redes sociais e outras mídias, o assunto despertou curiosidade inicialmente, mas nunca chegou a praticar e nem possui interesse. Bissexual assexual, 21 anos, assistente administrativa.

- Noah: Não praticante, tem interesse em shibari e asfixia erótica, mas não se sente confortável para praticar. Não se sente seguro de colocar em prática seus desejos, por ser assexual tem receio de que em algum momento o que ele considera sexo no BDSM, seja ignorado e seus limites sejam ultrapassados, acompanha os grupos de BDSM online e tem alguns amigos adeptos. Ao longo da entrevista comparou o BDSM em Aracaju com outras cidades em que sabe que têm uma rede de assexuais no BDSM, afirmando que talvez se essas redes chegassem aqui ele se sentisse mais confortável em praticar. Pansexual assexual, transmasculino, autista, 21 anos, estudante.
- Angélica: Adepta e switcher, mas prefere geralmente o papel de submissão, pratica principalmente role play e bondage. Bissexual, 21 anos, em um relacionamento não monogâmico, estudante.
- Luan: Praticante e switcher, pratica principalmente role play e sadomasoquismo. Tem dúvidas se pode se considerar integrante da subcultura por sentir que talvez não saiba o que é necessário para ser considerado enquanto tal. Bissexual, 23 anos, estudante.
- Beatriz: Não praticante. Maior parte de seu ciclo social são LGBTs e BDSMers, mas não possui interesse nas práticas. Bissexual assexual, 21 anos, assistente administrativa.

2.5 OUTSIDERS

Entendendo que um ato desviante é transgressor ao ser considerado desviante, e não por ser de fato em sua natureza, é possível compreender o que ocorre quando as expectativas comportamentais não são atingidas. Howard Becker (2008) explica que na criação das normas há a criação do desvio, pois é como as pessoas reagem ao ato e o classifica enquanto desviante que o outsider aparece.

Desvio -no sentido em que venho usando o termo, de erro publicamente rotulado- é sempre o resultado de empreendimento. Antes que qualquer ato possa ser visto como

desviante, e antes que os membros de qualquer classe de pessoas possam ser rotulados e tratados como outsiders por cometer o ato, alguém precisa ter feito a regra que define o ato como desviante. [...] Essa tarefa em geral é atribuição dos impositores profissionais, os quais, ao impor regras já existentes, criam desviantes particulares que a sociedade vê como outsiders. (BECKER, 2008, p.167).

Esse outsider é o “outro”, aquele que não consegue, ou não quer, cumprir as condutas dominantes do “nós”, que não segue as regras e que por isso é punido na sua classificação enquanto infrator do sistema. Segundo Becker:

Em qualquer dos casos, ser apanhado e marcado como desviante tem importantes consequências para a participação social mais ampla e a autoimagem do indivíduo. A mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública. Cometer o ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. Ele revelou-se um tipo de pessoa diferente do que supostamente era. É rotulado de "bicha", "viciado", "maluco" ou "doido", e tratado como tal. (BECKER, 2008, p.42)

Desse modo, quando os grupos LGBTQIAPN+ e BDSM ultrapassam os limites de performance, sexo e comportamento, são rotulados enquanto outsiders ao serem punidos com o estigma. Esse, é o que Goffman (2004) compreende enquanto base da sociedade, a visualização do “outro” e a estereotipia, porém quando a classificação é dada a partir do cumprimento das expectativas de conduta, a quebra do que é esperado faz o estereotipado cair numa caixa que pode ser desumanizante, como é o caso dos grupos LGBTQIAPN+ na década de 80 com a associação direta dessas pessoas ao HIV/AIDS.

Ana Uziel *et al.* (2004) mostra como a epidemia da AIDS impactou as identidades e construções dissidentes.

Além das questões provenientes dessa doença, uma série de transformações historicamente novas também foi se urdindo, modificações essas que evidenciaram novas classificações identitárias, que se refletem tanto nos rumos do ativismo homossexual quanto nas percepções do corpo, da intimidade e das relações de sociabilidade. (UZIEL *et al.*, 2004, p.169)

Dessa forma, além da ciência correlacionar a homossexualidade à doença na própria tentativa de nomear a doença de GRID (Gay-Related Imune Deficiency) antes de cunhar o acrônimo AIDS (Acquired Imune Deficiency Syndrome), a sociedade e a mídia passam a informação da “peste gay”. A doença ainda levará um tempo até ser percebida enquanto um vírus que pode atingir qualquer pessoa, inclusive os cishéteros, não sendo “uma exclusividade dos homossexuais, viciados e hemofílicos” (UZIEL, 2004, p. 157), o que faz com que nesse processo diversos espaços reconhecidos enquanto ambientes de sociabilidade LGBTQIAPN+ sejam fechados.

Além da aliança estabelecida entre o Estado e a militância LGBT+ que passaram a se burocratizar e organizar financiamento por parte do governo (UZIEL, 2004), uma das reações dessas comunidades a essa correlação foi a prática do barebacking, que é a prática do sexo anal sem preservativo, enquanto ato de rebeldia a essa estigmatização.

O repúdio a toda uma história de culpabilização dos homossexuais pela AIDS, os avanços médicos que hoje já conseguiram inclusive revelar as substâncias existentes nas células de alguns portadores em que o vírus não consegue penetrar, bem como as lutas por liberdades e direitos em relação à homossexualidade que vêm se desenvolvendo, são argumentos que reforçam a tese dos barebackers de que os preservativos seriam os representantes da disciplinarização da sexualidade. (UZIEL *et al.*, 2004, p. 186)

Mesmo com as críticas por parte da mídia, os números de praticantes começaram a crescer em diversos países gerando uma preocupação nas campanhas de prevenção e tratamento ao HIV/AIDS, porém alguns líderes do movimento LGBT+, como Ricardo Agueiras, se posiciona colocando a prática enquanto reafirmação de uma geração vinda da revolução sexual de 60. Ricardo Agueiras em uma entrevista diz:

Colocar o sexo sem camisinha como um fenômeno puramente gay é mais uma forma cruel de preconceito. Por que nós gays temos de carregar mais esse rótulo? Na grande maioria dos filmes pornô heterossexuais o sexo é praticado sem camisinha. Por que a gente tem de pesar sempre para o nosso lado, como se nós fôssemos responsáveis pela conscientização da sociedade? Os gays não são responsáveis por nada. As pessoas, homossexuais ou heterossexuais, fazem sexo sem camisinha, não adianta tapar o sol com a peneira [...]. Para as pessoas da minha geração foi muito difícil se adaptar à camisinha. Somos resultado da revolução sexual de 60 e queríamos provar tudo. (UZIEL *et al.*, 2004, p. 186)

Além disso, há a presença de novas formas de identificação a partir da reordenação dessa mistura entre os âmbitos políticos, públicos e privados dando abertura a novas estéticas e estilos de vida. Nesse momento, o corpo é demarcador e o que se faz com ele é também político. Novas subclassificações entre os homens gays como clubbers, modernos, ursos, barbies e “qua-quás”,²⁸ frequentemente demonstram que “O que parece ser o certo em todo esse visual é que eles pouco se preocupam em manter as tradicionais diferenças entre os sexos ou entre as orientações sexuais.” (UZIEL *et al.*, 2004, p. 189).

É evidente que as sexualidades dissidentes foram contrapostas às referidas “normais”, principalmente quando se havia uma crescente de movimentos de libertação sexual e novos grupos que se identificavam fora da ordem vigente, de modo que os adeptos de BDSM e os

²⁸ Ver UZIEL, Anna Paula *et al.* Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

LGBTs+ fossem entendidos enquanto doentios e desviantes. Entretanto, é nesse momento que a resistência à repressão floresce enquanto subcultura. Se “a cultura não é apenas a forma como as relações sociais de um grupo são estruturadas e moldadas, mas é também a forma como esses moldes são experienciados, entendidos e interpretados” (HALL, JEFFERSON, 1982, p.11, tradução nossa), a subcultura é uma subdivisão da cultura dominante, muitas vezes, se opondo, mas ainda operando nela. Assim, os BDSMers constroem uma subcultura ao formar grupos que possuem nomenclaturas, códigos, vestimentas, comportamentos e definições de identidades próprias, seguindo lógicas que subvertem as noções de sexualidade e prazer da cultura dominante.

O sadomasoquismo é definido como uma espécie de subcultura que, antes do que revelar patologias individuais, é vista como exercícios simbólicos do risco social (McClintock, 1993). AnneMcClintock (2003) e Lynda Hart (1998) trabalham o sadomasoquismo no registro dos exercícios simbólicos mobilizados, sejam como manifestações subculturais (McClintock), sejam como performances (Hart). [...] Facchini (2008) chama atenção que essas relações são produzidas em meio a uma comunidade, como uma espécie de confraria imaginada, definida por contornos (litúrgicos ou normativos) e por controles. (GREGORI, 2015, p.59-61)

No ato de estar do lado de fora do sistema, essas pessoas se reconhecem e interagem, formando novas concepções sobre si, suas ações desviantes e a sociedade, modificando técnicas, como o “Prince Albert”²⁹, e transformando as identidades. Assim, essa estigmatização é um dos fios que, inicialmente, entrelaçam os praticantes de BDSM em sua subcultura³⁰ e os LGBTs+ enquanto grupo, que possui linguagens, códigos e têm seus ambientes, virtuais e reais, como ponto de encontro e partilha entre os seus.

No sentido amplo de pessoas situadas numa posição semelhante, e isso é a única coisa que se pode esperar, já que o que um indivíduo é, ou poderia ser, deriva do lugar que ocupam os seus iguais na estrutura social. Um desses grupos é o agregado formado pelos companheiros de sofrimento do indivíduo. [...] Todas as outras categorias e grupos aos quais o indivíduo também pertence necessariamente são, de modo implícito, considerados como não verdadeiros; ele, na realidade, não é um deles. O seu grupo real, então, é agregado de pessoas que provavelmente terão de

²⁹ Anel peniano que era utilizado no séc. XIX para impedir a ereção e foi reutilizado entre LGBTs+ e BDSMers como forma de prolongamento da ereção.

³⁰ “Quando pessoas que se envolvem em atividades desviantes têm oportunidade de interagir, é provável que desenvolvam uma cultura constituída em torno dos problemas decorrentes das diferenças entre sua definição do que fazem e a definição adotada por outros membros da sociedade. Elas desenvolvem perspectivas sobre si mesmas e suas atividades desviantes e sobre como as relações com outros membros da sociedade. (Alguns atos desviantes, claro, são cometidos isoladamente, e as pessoas que os cometem não têm oportunidade de desenvolver uma cultura. Exemplo disso são o piromaníaco compulsivo ou o cleptomaníaco.) Como operam dentro da cultura da sociedade mais ampla, porém diferentemente dela, essas culturas são muitas vezes chamadas de subculturas.” (BECKER, 2008, p.91).

sofrer as mesmas privações que ele sofreu porque têm o mesmo estigma; seu "grupo" real, na verdade, é a categoria que pode servir para o descrédito. (GOFFMAN, 2004, p.96)

2.6 SOCIABILIDADE ENTRE OS ADEPTOS DE BDSM

Uma das grandes dificuldades do presente trabalho em Aracaju foi a falta de encontros públicos e mais abertos desse grupo. Diferente dos grupos LGBTQIAPN+ em que há locais que são conhecidos majoritariamente pela sociabilidade dessas pessoas, na subcultura do BDSM aracajuana não há a publicização de eventos ou existências de bares, como ocorre em São Paulo, que parece ser o centro do BDSM no Brasil. Na busca por lugares frequentados por BDSMers o que mais encontrei foram lugares que, por vezes, se passam despercebidos por não terem as fachadas das casas com letreiros ou algo que identifique facilmente que são casas noturnas. Assim, saunas, casas de prostituição, boates de strip e festas pagas para a visualização de sexo em casas noturnas surgiram no campo, mas em nenhuma pesquisa e entrevista foi encontrado a existência, mesmo que passada, de locais próprios de sociabilidade para adeptos do BDSM ou workshops e oficinas.³¹

Em Aracaju, há mais redes relacionais a partir de práticas individuais do que por encontros públicos. Nas redes, diversos perfis buscam companhias e garantem o sigilo daqueles que entrarem em contato para conhecer melhor seus fetiches, deixando claro que são do estado e que estão disponíveis para o encontro real. Dessa forma, há perfis de todos os tipos, dom, sub, sádicos, masoquistas, podólatras, solteiros, casais e assim por diante, geralmente o perfil é fechado e o rosto é escondido, somente os acessórios e o corpo são mostrados. Em diversas falas dos entrevistados, a percepção de capital sergipana enquanto uma cidade provinciana é ligada ao motivo da inexistência de bares e encontros abertos de BDSM, passando uma sensação de que todos se conhecem e aquilo que você fizer será visto e falado por alguém. Por consequência, nem todos querem ser associados às práticas de BDSM.

Trecho 1

Matheus: “Aracaju é muito pequeno e é muito difícil as pessoas quererem se associar a isso publicamente. Aí já tem poucas pessoas numa cidade pequena, e dessas, poucas querem assumir isso. Então, para organizar qualquer coisa em Aracaju, é sempre muito difícil. [...] As cenas que acontecem aqui vão ficar ligadas ao underground né, algo mais fechado. Em São Paulo, por exemplo, tem bares temáticos. E é público, é reconhecível. Então você tem esse contato. Aqui não. [...]

³¹ Recentemente houve uma oficina de shibari feita por Camila e Matheus no dia 23/03 e uma segunda oficina em 25/05.

O fetiche vem da palavra feitiço. E não é num sentido bonitinho. É num sentido “olha que pesado”, “olha que safadeza”. Não é normal, mas é uma questão também de onde a gente está, né? Porque se eu pegar Aracaju eu acho que qualquer coisa é fetiche” (Entrevista realizada pela autora)

O que foi percebido é que a comunidade se encontra inicialmente a partir das redes sociais, com o uso de aplicativos como Instagram, Telegram e Tinder. No caso do Instagram, as vezes os adeptos falam abertamente no seu perfil sobre o assunto, com repostagens de posts de outros perfis que discutem sobre o BDSM ou conversas diretas com seus seguidores. O uso do Telegram é muitas vezes feito a partir da busca por grupos online que permitem com que mais pessoas se conheçam. Já o Tinder parece ser algo mais descomprometido, em que há a possibilidade de se encontrar alguém do grupo ou não, as conversas sobre ser adepto do BDSM na maioria das vezes ocorrem quando o assunto sexo vem à tona, não sendo algo necessariamente localizado na parte de apresentação do perfil.

Nesse âmbito individual, as redes sociais servem também para acessar os desejos que não podem se tornar públicos. Camila, dona de um sex shop, afirma que mesmo aqueles que se interessam pelos acessórios de BDSM ainda possuem dificuldade de aderir. Mesmo buscando diminuir a margem de lucro desses apetrechos, para conhecer melhor seu público e o mercado local, as pessoas vão em busca, compartilham histórias e contam seus desejos mais secretos, mas não chegam a comprar. Assim, quando há a compra de instrumentos como os plugs anais com rabo e as palmatórias, ocorre em segredo.

Em relação aos encontros em grupo, eles podem ser fechados ou abertos. O encontro aberto é comumente feito a partir do convite das pessoas que estão organizando e é possível que haja o pedido de uma contribuição monetária. O objetivo dessas reuniões é conhecer novas pessoas, as inserir no grupo, sendo necessário apenas ser convidado e dar o nome que deseja usar, assim mantém uma certa segurança para os adeptos. Geralmente esses encontros são frequentados por adeptos numa faixa de 25 a 35 anos e algumas pessoas por volta de 50 anos.

Esses encontros maiores e mais abertos ocorrem com menos frequência do que os encontros fechados. Os *offs* são encontros fechados que têm o intuito de realizar as práticas de BDSM, ocorre com menos gente e com pessoas específicas. Por ser um encontro próprio para realizar as práticas individuais, as pessoas têm mais interesse em financiar em comparação aos encontros maiores.

Matheus: “Por mais que não seja tão aberto, tipo ninguém tá postando publicamente isso, mas, é muito confortável o espaço, tem um aspecto de segurança muito grande. Tem pessoas que eu conheci que só vi lá, não sei o nome, não sei de onde veio. [...] E quando você chega lá, você vai perceber que tem pessoas mais recentes, outras mais antigas. [...] E é muito variável os contextos que acontecem. Por exemplo, aqui nesse grupo, não era permitido sexo explícito. Era uma organização mais aberta. Mas em *off* é mais livre, por exemplo. É um momento mais fechado. Pode ser o mesmo ambiente, mas é mais uma questão, assim, que a gente não está divulgando, né? A gente não quer que pessoas apareçam, não é pra conhecer gente. [...] Não é barato, tem o fator financeiro que é muito interessante. Pois não é barato. Nem todo mundo vai tá disposto a gastar dinheiro para colocar em encontros no lugar de práticas individuais.” (Entrevista realizada pela autora)

O ambiente que se mostra mais ativo é um grupo que, de acordo com seu perfil privado nas redes sociais, fazem encontros desde 2017³². Segundo as entrevistas, a organização do play³³ desse grupo é feita por um casal heterossexual e aparentemente esse ambiente ainda se mostra majoritariamente hétero. Inicialmente esses encontros abertos não pediam uma contribuição financeira, mas depois o espaço gratuito deixou de ser viável e passou a necessitar da ajuda de custo dos outros participantes. O perfil parece ter diminuído seus encontros abertos ao longo dos anos, sendo que em 2023 teve apenas um e em 2022 houve uma nota de esclarecimento sobre estarem preferindo fazer mais *offs* que *plays* abertas por estarem à procura de pessoas que realmente tenham interesse no BDSM. Na nota de esclarecimento do grupo do perfil deles o post de abril de 2022 diz:

“A conta não está desativada, temos organizados alguns encontros em off (com menos pessoas) mas com mais práticas, deixamos de lado as plays com o grupo de WhatsApp até que consigamos reunir pessoas realmente interessadas para participar das plays, se você é principalmente Sub ou Domme e tem interesse de ir nos encontros, entre em contato pelo direct.” (KINGDOM, 2022)

Além de não haver bares na cidade, também não há festas temáticas e oficinas das práticas com profissionais que ensinam a forma e materiais corretos para praticar com segurança, o que faz com que o máximo de acesso que se tenha seja aprendendo na prática - o que não é indicado, nem seguro - online, através de vídeos e blogs, ou viajando para outras cidades que oferecem esses cursos, como foi o caso da entrevistada Alice. Ela já havia tido contato com as práticas, e se interessado, a partir da pornografia, mas somente com o acesso a pessoas que já eram adeptas que foi em busca de pesquisar mais sobre o assunto e praticar.

Trecho 3

ALICE: “Ano passado eu saí da casa dos meus pais. Que são extremamente religiosos, adventistas. Então eu só tive liberdade pra explorar realmente, ir atrás, adquirir objetos

³² Apesar de fazer contato pelo Instagram e me aceitarem no perfil, não consegui ter acesso ao grupo de WhatsApp.

³³ As práticas que ocorrem dentro de uma cena.

e etc, muito recentemente. Então foi ano passado que eu comecei a comprar velas, pra wax play. Descobri que eu gosto muito de agulhas. Seja de piercing, tatuagem. Eu descobri que tem needle play. Então quando eu tive a liberdade pra pesquisar, foi desenvolvendo rápido. E aí o meu primeiro contato realmente foi esse ano quando eu fui pra uma sessão de Shibari em Salvador.

ENTREVISTADORA: E como foi?

ALICE: Ah, foi perfeito. Foi...Foi...Foi...Foi tudo que eu tinha expectativas. E... E mais. Eu tive a melhor experiência.

ENTREVISTADORA: E por que não procurar alguém sem ser de fato um profissional?

ALICE: Tudo envolve muita confiança e segurança, pelo menos as coisas que eu procuro. Então eu não vou fazer needle play com qualquer pessoa. **Eu não vou amarrar... ser amarrada com qualquer pessoa.** Porque quando eu comprei as cordas, eu cheguei a comprar antes da primeira vez, eu tava pesquisando e investigando e aprendendo. Só que eu percebi que eu não gosto de amarrar. Eu gosto de ser amarrada. Então quando eu comprei e comecei a pesquisar, eu vi toda uma responsabilidade. Porque existem lugares que são perigosos de amarrar. Quando você compra o kit de cordas, ela vem com uma tesoura de primeiros socorros, que é uma tesoura diferente pra cortar sem cortar a pele. Então não é qualquer pessoa que eu ia me sentir confortável de me expor dessa forma [...] porque justamente eu não sabia que teria pessoas próximas ou não sabia como encontrar pessoas perto de mim. Depois de ter encontrado o Matheus e ele ter me passado outros perfis e outros contatos de outras pessoas foi que abriu assim o caminho, a possibilidade, e eu percebi que eu podia ter acesso a isso então foi uma questão também de saber, de encontrar. (Entrevista realizada pela autora, grifo da autora)

Outra questão muito tocada é a segurança e confiança dos adeptos. Assim, é a partir do conhecimento ou indicação da pessoa que ela é chamada individualmente para uma cena. Essa necessidade de indicação parece vir da busca por um ambiente seguro, visto que pessoas de fora podem representar perigo moral e/ou físico, sendo necessário saber o básico sobre aquela pessoa que está querendo ser inserida, ou que estão querendo se inserir no grupo. Um exemplo dessa preocupação é a demonstração de como uma pessoa sem uma rede de contatos não consegue se manter na comunidade, vista na fala do entrevistado que conta que há alguns anos tentaram fazer o evento “Atados no parque” em Aracaju que acabou sendo malsucedido. O “Atados no parque” é um encontro de shibari que ocorre mensalmente na cidade de São Paulo e esporadicamente em outras cidades como Rio de Janeiro, Brasília e Curitiba sempre de forma pública e aberta em algum parque da cidade.³⁴

Trecho 4

³⁴ “Presente desde 2015, o objetivo do evento é reunir entusiastas de shibari fortalecendo a comunidade regional. Buscamos criar um espaço seguro para que es participantes possam conhecer pessoas diferentes e praticar com apoio de riggers mais experientes, independente de seu nível de conhecimento. Realizamos encontros mensais, no modelo de Bondage Picnic, promovendo um ambiente democrático e descontraído, acolhendo toda a diversidade da nossa comunidade. Datas divulgadas com antecedência todos os meses.” Texto extraído do perfil do Instagram do Atados no Parque São Paulo. Disponível em: <<https://www.instagram.com/atadosnoparquesp/>>. Acesso em: 22 fev.2024.

Matheus: “Houve uma tentativa de realizar aqui, mas não deu certo. Talvez pela pessoa que tentou ser um cuzão. Soube de pessoas que queriam ir, mas acharam muito estranho e não foram e até onde eu sei só não aconteceu. “Ah uma pessoa organizou.” Quem era essa pessoa? Não sabe. É mais fácil um curioso ir lá. Quem já tá um pouquinho mais calejado, não vai. Como eu e umas pessoas próximas a mim ficamos “não”. Tá faltando informação, faltando gente.” (Entrevista realizada pela autora)

Além dos eventos públicos serem uma maneira dos adeptos se encontrarem, é também uma forma de dar acesso fácil e seguro a mais pessoas. Daí a tentativa de fazer eventos abertos e a frustração dos adeptos em não ter essas experiências na cidade. A possibilidade de deixar algo público faz com que pessoas que nunca tenham pensado sobre possam ver e experimentar, ou até desmistificar ideias deturpadas sobre as práticas de BDSM.

Trecho 5

Alice: “É sem conotação sexual é uma forma tranquila que desperta a curiosidade de quem está passando então é muito aberto a todo mundo [...] para que mais pessoas vejam aquilo, talvez dê muita curiosidade ou não, mas que entendam isso. Se alguém nunca viu, se não sabe o que é, é para ver, para despertar a curiosidade, ou se quem conhece, mas nunca teve acesso, vê que tem pessoas próximas com quem pode explorar aquilo”(Entrevista realizada pela autora)

A questão da confiança é também percebida nas falas de outros interlocutores que apontam as vulnerabilidades de estar disponível para aquela pessoa, com riscos que vão de acordo com o gênero e dificuldades de acordo com as posições no jogo. As mulheres que se relacionam com homens apontam a necessidade de ter um vínculo maior de confiança com seus parceiros para pensar em falar sobre as práticas de BDSM. Há o receio de como isso será passado e da vulnerabilidade necessária nas descobertas das preferências nas práticas de BDSM. Em relação a ser dom ou sub há ainda as barreiras de fazer com que toda a prática seja segura para ambos e nenhum limite seja ultrapassado.

Trecho 6

Matheus: “Então, você tem que ser sensível para falar. Para realizar. Ainda mais. Tanto se você está no polo mais ativo, vou colocar essa palavra, ou está no polo mais passivo. Se você não é dominador. Pode ser bizarro se uma pessoa chega e fala “quero amarrar e te bater” é difícil falar isso de uma forma sensibilizada. E se você tá num polo mais passivo é difícil falar isso de uma forma mais direta, às vezes, se a outra pessoa não tem estudo ela vai pensar que é um passe livre para apanhar. O que é muito perigoso.” (Entrevista realizada pela autora)

2.7 O QUE TE TORNA BDSMER

Ao longo das entrevistas os adeptos, integrantes da subcultura, se diferenciam daqueles que são somente praticantes em diversas falas. Fazer parte do grupo vai além de possuir práticas que remetam ao BDSM. Há uma virada entre o BDSM enquanto prática avulsa e o BDSM enquanto parte de quem é, que molda sua identidade e o leva para outro local social. Essa linha é traçada principalmente pelo estudo e o investimento nas práticas.

Assim como a identidade é produzida a partir de processos de exclusão, apagamento e cristalização (BUTLER, 2002), o “gueto” como lugar imaginado e a ideia de “comunidade” são também produzidos a partir de exclusões, por meio de relações que produzem a diferença, colocando em jogo outros eixos de diferenciação social em contextos específicos.” (FACCHINI, 2012, p.23)

Utilizando as análises de Becker sobre o investimento na carreira de outsider, para além de ter uma prática desviante, a construção da carreira ocorre pelo desenvolvimento de interesses no desvio dada pela participação na subcultura organizada a partir daquela atividade.

O indivíduo aprende, em suma, a participar de uma subcultura organizada em torno da atividade desviante particular. As motivações desviantes têm um caráter social mesmo quando a maior parte da atividade é realizada de uma forma privada, secreta e solitária. Nesses casos, vários meios de comunicação podem assumir o lugar da interação face a face na introdução do indivíduo à cultura. (BECKER, 2008, p. 41)

Estar na subcultura é buscar conhecer mais do BDSM, seguir as normas do SSC e fazer parte de uma rede de relações da subcultura. Ser um integrante é ir além do senso comum e estudar mais sobre as práticas para que tudo ocorra de forma segura e prazerosa para todos os envolvidos, indo além das barreiras na falta de acesso pelo lugar que se vive e, muitas vezes, tendo que buscar conteúdo em línguas estrangeiras.

Trecho 7

Matheus: “Acho que o que vai ser uma pessoa que faz parte da comunidade é pesquisa. É estudo. **Porque demanda estudo.** Demanda você ler. Demanda você conversar. Diferente de práticas sexuais casuais das quais é você contar com o parceiro em que você está mais íntimo. Por exemplo, a diferença de uma pessoa que enforca a outra na cama casualmente seria muito mais... Fazer de qualquer jeito. **Uma pessoa de BDSM é aquela que estudou antes, sabe como vai fazer isso, como aplicar especialmente com respeito e segurança. Existe o safe, sane e consensual (SSC) e se não está nesse termo é outra coisa.** [...]Tanto que a questão do sexo em público, em relação ao exibicionismo, tem um debate. Parte da comunidade não aceita. Se você tá se exibindo, às vezes você tá envolvendo pessoas que não consentiram e se não tem consentimento não está no BDSM. [...] Fica difícil definir, eu só pratico algumas coisas ou sou parte? Depende da dedicação que você tem e do estudo. Tem muito estudo. Tem muita coisa. É se assumir e saber que não é só chegar e ir até lá, é preciso saber quais são os limites. [...] Eu não tô só na minha vida

privada, encontro o mundo por exemplo, tenho trabalhos com o shibari, sou publicamente adepto a isso. Faço parte da comunidade. Falo abertamente e as vezes até chega gente para conversar sobre. Eu pensaria uma pessoa da comunidade enquanto uma pessoa que tem práticas e pode aplicar.” (Entrevista realizada pela autora, grifo da autora)

Em contraponto, Alice observa e Luan se coloca na incerteza de seu local no grupo:

Trecho 8

Alice: “A pessoa talvez pode não estar ativamente nos grupos das discussões e etc, mas não deixa de fazer parte. **Por questão de categorização mesmo, se eu gosto disso então eu sou isso e se eu sou isso eu faço parte do grupo.** Mesmo que as pessoas elas não se conectem, elas não façam parte da rede. Tanto é que mesmo antes de eu encontrar essas pessoas eu sabia que eu gostava, então eu não fazia parte da comunidade antes só porque eu não tinha acesso? Acho que eu fazia sim, pelo menos em algum grau”

Luan: “Eu queria ter a confiança pra dizer que sou da subcultura, mas as vezes eu tenho dúvidas. Não sei se tem uma quantidade de práticas ou fetiches específicos, mas eu pratico, eu gosto e pesquiso muito sobre.” (Entrevista realizada pela autora, grifo da autora)

Essa perspectiva do saber é muito observada nos grupos e blogs online. Nesses grupos, além de uma forma de encontrar pessoas com os mesmos interesses, há uma tentativa de retirar mitos e falácias sobre a subcultura BDSM. Assim, buscam se desvincular do estigma e apresentar como funcionam as relações na prática e no que se baseiam, deixando evidente que tudo é feito a partir do SSC e delimitando as regras do que pode ser feito dentro desses ambientes.

Trecho 9

Alice: Quanto mais eu conheço as pessoas, **mais eu percebo que é uma comunidade** e é uma coisa muito... todo mundo se conhece. Pelo menos no Shibari eu percebo que todo mundo se conhece, ou pelo menos existe um nível em que você realmente sabe e a partir daí as pessoas te conhecem e aí você está inserido nesse grupo. Inclusive existe um grupo no Telegram com pessoas do Brasil todo e a gente vai dizendo de onde é, se amarra ou se quer amarrado. É uma forma de todo mundo achar um ao outro, mas é uma troca de experiências, de conhecimento. Nesse grupo tem pessoas que vendem cordas e existe um consenso de lojas que não vendem de boa qualidade e pessoas ensinando como cuidar das cordas. Quanto mais você tem experiência, mais você parece dominar do assunto, mais todo mundo vai atrás de você, então esse grupo de pessoas também abre um espaço para pessoas novas conhecerem. Tem muito esse senso de comunidade mesmo, um mostrando o outro, procurando mais gente e abraçar e se aconselhar. (Entrevista realizada pela autora, grifo da autora)

Dessa forma, é preciso investir para se ter “sucesso” naquele meio, seja através de estudo ou recurso financeiro. Quando os entrevistados falavam sobre suas experiências, nomeavam os custos financeiros dos acessórios e aulas sobre as práticas enquanto um investimento, não uma despesa. É um investimento na própria jornada de descoberta que faz com que o gasto nas aulas, acessórios, apetrechos e afins valham a pena. Percebe-se que estar nesse meio é ativamente escolher dedicar tempo e dinheiro com as práticas. O estudo e os

instrumentos, às vezes podem ser acessados de modos financeiramente menos custosos, entretanto, seja com vídeos online gratuitos ou acessórios improvisados, nem sempre há um profissional e um equipamento adequado, o que tornaria as práticas perigosas.

Após se inserir e aprender a viver no grupo é que a pessoa é marcada socialmente enquanto desviante e incorpora isso a sua identidade.

Pode marcar a si mesmo como desviante em razão do que fez e punir-se de uma maneira ou de outra por seu comportamento. Esse não é sempre ou necessariamente o caso, mas pode acontecer. [...] Em qualquer dos casos, ser apanhado e marcado como desviante tem importantes consequências para a participação social mais ampla e a auto-imagem do indivíduo. A mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública. Cometer o ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. Ele revelou um tipo de pessoa diferente do que supostamente era. É rotulado de "bicha", "viciado": "maluco" ou "doido", e tratado como tal. (BECKER, 2008, p.42)

Por fim, é preciso fazer um adendo em relação ao perfil dos interlocutores e os temas tratados nessa pesquisa. Antes de iniciar a o trabalho em campo, vi alguns documentários sobre a subcultura de BDSM e um dos que tive acesso foi o documentário brasileiro Mr. Leather³⁵. Os entrevistados são homens gays brancos de classe média e mostram como o uso dos acessórios, couro e outros instrumentos necessitam de grande investimento. As peças e eventos precisam de financiamento, e ao longo do documentário o que se mostra é uma vida cara. Uma parte da obra mostra os competidores do campeonato de BDSM BR apresentando suas primeiras jaquetas, botas e suspensórios de couro, ao explicar a importância da peça e o motivo dela ser tão cara, um competidor diz “é mais barato ir até Buenos Aires de avião do que produzir facilmente uma peça de couro”.

O que encontrei em campo parecia diferente, mas também havia algumas similaridades. O BDSM é visto pelos competidores enquanto uma “filosofia” e um “estilo de vida”, sendo visto por muitos como uma “segunda saída do armário”. Por isso, nem todos aqueles que querem se inscrever podem/conseguem, visto que o concurso dá visibilidade e exposição. Além disso, percebem a comunidade gay como um âmbito que vê uma negatividade nas outras formas de usar os prazeres da submissão/dominação.

Todos os interlocutores que se reconheciam enquanto integrantes da subcultura do BDSM eram brancos e em geral possuíam tempo e dinheiro para investir nas compras de acessórios de BDSM ou cursos. O uso de termos em inglês, muito importado das comunidades online estadunidenses, para as práticas faz com que o adepto seja familiarizado com a língua ou se familiarize a partir disso. Seja pelos códigos, pelos ambientes, acessórios

³⁵ MR. Leather. Direção de Daniel Nolasco. São Paulo, 2019.

ou práticas, a inserção no meio requer certo poder aquisitivo, podendo ser uma forma de seleção mesmo que inconsciente. Além disso, é perceptível o quão significativo é para uma pesquisa quando por coincidência todos os entrevistados adeptos são brancos, num estado em que 70,3% da população se declara preto ou pardo³⁶, 66,67%³⁷ não monogâmicos e 20%³⁸ deles são autistas. Entretanto, não será possível nesse estudo dar a atenção necessária para esses temas que o campo apresenta, sem haver a pretensão de os esgotar, ficando enquanto possibilidade para outras pesquisas futuras.

2.8 A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

É perceptível uma certa semelhança com o perfil do usuário de maconha traçado por Becker. Assim como o usuário de maconha, é preciso que o adepto aprenda a técnica para sentir os efeitos desejados, de modo que na maioria das vezes a primeira experiência tende a ser pouco proveitosa. Entre os adeptos, geralmente as primeiras experiências foram pouco prazerosas, seja pelo outro parceiro, seja pela falta de prática ou até pela falta de acessórios apropriados. Entretanto, a expectativa do prazer em potencial, dada pelos vídeos vistos e conteúdos lidos sobre o tema produzidos por pessoas que já são do grupo, é o que os fazem continuar na busca por outras experiências.

Camila: Minha primeira prática fetichista foi a vela. Eu era muito nova, tinha 15 anos, tinha pouquíssima informação. Eu sempre gostei de velas e sempre acendi, espiritualmente falando também é uma prática, e um acidente aconteceu. Caiu cera em mim, dessas velas de parafina mesmo, só que ao invés de me incomodar eu achei muito “massa”, foi uma coisa deliciosa. Claro, eu não tinha informação e não sabia que essas velas podem causar queimaduras horríveis e não é recomendável, então aquilo me machucou e eu não fiz mais. Demorei pra buscar informação e quando eu tive comecei a fazer as práticas solo até encontrar pessoas que gostassem.

Matheus: Foi a primeira vez que eu comprei umas cordas. Eu fui estudar e propus isso, sem muito segredo. Não foi muito legal. Foi só ok. Eu diria. Eu achava que seria divertido.... não é só questão do dinheiro, é questão da oportunidade, de encontrar essa pessoa que queira. [...] Quis continuar por que eu sentia que seria bom assim. Eu sabia que se ela tivesse se divertindo mais eu teria me divertido, **então eu via que era uma possibilidade.** (Entrevista realizada pela autora, grifo da autora)

³⁶ “O Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrou que 61,6% dos 2.210.004 habitantes de Sergipe se autodeclararam pardos [...] O relatório apontou, ainda, que 556.908 dos habitantes (25,2%) disseram que são brancos; 283.960 pretos (12,8%); 4.580 indígenas (0,2%) e 2.978 amarelos (0,1%)”. Disponível

em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2023/12/22/censo-ibge-em-sergipe-mais-de-60percent-da-populacao-se-autodeclara-parda.ghtml>>. Acesso em: 15 mar. 2024.

³⁷ 4 de 6 (adeptos e praticantes) interlocutores.

³⁸ 2 de 10 interlocutores.

Na trajetória da praticante Paula, ela conta que já havia tido experiências de BDSM em outro relacionamento que não o atual, que o interesse tinha partido do parceiro e que até tinha gostado, mas depois do rompimento da relação não havia tido interesse em praticar. Aparentemente, a experiência não teve sentido o suficiente para despertar interesse nas práticas. Entretanto, anos depois, ao ter novas experiências com outra parceira, com o uso de outras técnicas, ou talvez com a redefinição dos efeitos e sensações enquanto agradáveis, a sua relação com o BDSM foi modificada, sendo agora uma área de potenciais prazeres e interesses. “Ou seja, ninguém pode se tornar usuário de maconha se não tiver dado cada passo. Essa pessoa precisa ter tido acesso droga, experimentando-a e continuado seu uso. A explicação de cada passo é assim parte da explicação do comportamento resultante” (BECKER, 2008, p.34).

Ninguém que entrevistei continuou a usar maconha por prazer sem aprender uma técnica que fornecesse uma dosagem suficiente para que os efeitos da droga se manifestassem. Somente quando isso era aprendido tornava-se possível a emergência de uma concepção da droga como um objeto que podia ser usado por prazer. Sem tal, concepção, o uso da maconha era considerado sem sentido e não prosseguia. [...] Antes de ter essa experiência, o usuário precisa ser capaz de mostrá-los para si mesmo e associá-los conscientemente ao fato e se ter fumado maconha. (BECKER, 2008, p. 57-58)

Entretanto, no BDSM as sensações que se têm partem do prazer, seja em sentir dor, que comumente seria lido como uma sensação desagradável, ou não. Ao sentir prazer na atividade, o indivíduo quer repetir a ação que o levou aquela sensação, mas mesmo com as primeiras experiências sendo pouco agradáveis, os adeptos voltam a repetir as ações por conta da expectativa da melhora da experiência. Ademais, é possível que o modo de enxergar as experiências tidas inicialmente sejam modificadas com a resignificação das sensações trazidas, podendo, por exemplo, haver uma mudança na maneira de sentir e ver a dor.

O gosto por tal experiência é socialmente adquirido, de gênero não diferente do gosto adquirido por ostras ou dry martini. O usuário sente-se tonto, sedento; seu couro cabeludo formiga; ela avalia mal o tempo e as distâncias. Essas coisas são agradáveis? Ele não tem certeza. Para que continue a usar maconha, deve concluir que são. [...] Além disso, a interpretação ingênua que o noviço dá para o que está acontecendo pode confundir-lo e amedrontá-lo. [...] Dadas essas primeiras experiências tipicamente assustadoras e desagradáveis, o iniciante não dará continuidade ao uso, a menos que aprenda a redefinir as sensações como desagradáveis. (BECKER, 2008, p. 62)

2.9 O ESTIGMA: DE FORA DOS OUTSIDERS, BDSM ENQUANTO VIOLÊNCIA E HUMOR

Os adeptos usam do desvio enquanto uma das ligações do grupo pela busca de compreensão de si e acolhimento por outros. Formam uma subcultura daqueles que se encontram por serem outsiders dentro de sua cultura dominante ao descobrirem que querem algo para além dos prazeres, tidos como “normais”, que lhe foram apresentados.

Trecho 10

Matheus: “Eu diria que, na verdade, são práticas que vão além do que a gente espera de uma relação. De uma relação monogâmica, de uma relação heterossexual, de gente que possui fetiches aos quais eles não são completamente aceitos [...] originalmente a gente procura como uma forma de satisfação. Sexualmente falando. Certo? Eventualmente, ultrapassa isso. Ultrapassa no sentido de como você se relaciona com a pessoa. Como uma questão de confiança, uma questão de saber satisfazer a pessoa e ser satisfeito sexualmente de uma forma que extrapola o que a gente entende como, uma expressão que a gente usa né, *vanilla*. **Porque o sexo *vanilla* é uma das formas mais básicas, e o BDSM ultrapassa isso.** São práticas que não conseguem ter uma aceitação da sociedade mesmo. Isso desde o pé, desde o peito, desde uma parte do corpo mais específica a espancar.”

Matheus: “Eu acho que buscar prazer nas formas em que a gente não está mais acostumado é uma subversão. A gente literalmente tem válvulas de escape desses moldes, quanto mais a gente expande isso mais fica interessante. Com certeza é uma subversão. **É uma subversão até do sentir prazer.** Eu acho que a relação entre conceder a hierarquia é o que abala. É você conceder e aceitar ser submisso. Por que mandar todo mundo quer. Mas obedecer é a parte difícil. Se é forte falar que gosta de bater, é ainda mais forte falar que gosta de apanhar. É o que assusta mais a sociedade.”

Alice: “Na sociedade no geral, pelo menos brasileira, a dita laica com a maioria cristã, o BDSM e o LGBT são uma quebra dessas ideias. Tanto que quando eu tava nessa fase de sair da igreja eu me sentia tão bem³⁹, como se essa rebeldia, do tipo “se o certo é isso, eu quero outra coisa”, também fosse um encontro com a liberdade, digamos assim, de você explorar quem você realmente é e o que você realmente gosta. Existe a adrenalina porque socialmente é algo ruim, algo proibido, algo errado. Mas existe a sensação de satisfação porque é o que você quer, é o que você gosta. **E é quem você é.** É um desvio porque é diferente do que é levado como norma. Quer dizer, se a grande maioria da sociedade vê as coisas de um jeito, o BDSM faz uma curva e vai para a outro.” (Entrevista realizada pela autora, grifos da autora)

Alguns adeptos dominantes debatem as dificuldades da posição. É interessante essa última fala de Matheus sobre essa relação e papéis do submisso e dominador, pois alguns adeptos tops debatem as dificuldades da posição entre as relações top/bottom.⁴⁰ Gregori diz:

Provavelmente o senso comum imagina que existam muito mais dominadores(as) do que submissos. Outra das idiossincrasias interessantes dessas experiências é que ocorre justamente o contrário. É muito comum ouvir, no clube, uma queixa em relação à exiguidade de pessoas que ocupam essas posições. São muitas as atribulações das Rainhas, Mestres ou Mistresses. A eles cabe inventar as punições, criar o material apropriado, não hesitar no controle às solicitações e provocações dos subs. Além disso, Mestre S alertou que um dos cuidados que um dominador deve ter, em uma

³⁹ “Um estigma extremo e punitivo mantém alguns comportamentos sexuais como baixo status e é uma sanção efetiva contra aqueles que as praticam. A intensidade deste estigma está enraizada nas tradições religiosas do ocidente.” (RUBIN, 2006, p.16).

⁴⁰ Patrick Califa, um dos fundadores do grupo Samois, na década de 70 já debatia sobre as dificuldades que os tops têm por possuir habilidades específicas que o grupo não proporciona treinamento.

relação 24 / 7, é o de estimular que os escravos não parem de estudar, de trabalhar, de terem amigos e que não rompam seus laços familiares. É preciso evitar, segundo ele, a dependência relativamente ao Dono quando as relações chegam a termo. A palavra “guiar”, aliás, foi bastante empregada por ele: “o Dono deve guiar sua peça, cuidar dela” (GREGORI, 2015, p.257)

Por não cumprirem as expectativas comportamentais, as punições e transformações daquela pessoa em outsider pode vir a partir do estigma, seja em forma de piada, chacotas ou no encaixe das práticas enquanto violência. Além de ser um assunto pouco falado, quando as pessoas sabem o que é, têm os conceitos baseados em pré-noções moldadas a partir da mídia ou falácias que colaboram com a manutenção dos estigmas. As práticas de BDSM são comumente percebidas pelos baunilhas enquanto violências, mesmo que os BDSMers tenham uma grande preocupação com o consentimento e a segurança, como exposto no trecho 3, sendo inclusive o que os diferencia de um praticante avulso, tendo o SSC como pilar das práticas e tornando aquilo fora dele violência. Além disso, ainda há as práticas de BDSM que ao serem praticadas por não adeptos que não as nomeiam enquanto BDSM, não possuem o peso das pré-noções que as práticas dos adeptos possuem.

Trecho 11

Alice: Tem muita coisa que se enquadra como BDSM, que as pessoas não veem como BDSM. Porque são coisas mais leves. Tipo, ah, amarrar fulano na cama, vou vender, vou dar uns tapas. Tudo isso tá dentro do BDSM, mas também tá dentro do sexo normal. Então eu acho que as pessoas têm preconceitos mesmo, é só isso. É como se vissem como algo mais... “apimentado”⁴¹. Uma coisa mais apimentada, uma coisa mais potente. (Entrevista realizada pela autora)

Quando as perguntas sobre o que é BDSM e o que esse acrônimo remete, os não praticantes riam ou associavam diretamente a alguma história de pessoas que conhecem que praticam ou praticavam. Numa entrevista com uma pessoa LGBTQ+ não praticante, é dito que há uma preocupação com uma amiga que possui práticas associadas ao BDSM, visto que não parece seguro ou “normal alguém gostar tanto de apanhar daquele jeito”. O que é entendido enquanto violência pelos de fora não é o não consentimento, não sendo uma questão tocada em nenhum momento, mas sim os atos que ao envolverem outras formas de prazer, como os jogos de hierarquia, não fazem parte dos padrões e expectativas de comportamento sexual causando assim, um estranhamento, algo que é percebido no constante uso das palavras “normal” e “problemático”.

⁴¹ “Baunilha apimentada”: refere-se a uma pessoa que não se enquadra em nenhum dos rótulos BDSM, mas que gosta de “apimentar” sua vida sexual com práticas que pertençam ou se aproximem do estilo. Pode se referir, de um modo geral, a pessoas que tenham uma vida sexual “liberal”, sem preconceitos e aberta a experimentações.” (MELO, 2010, p. 26).

A idéia de uma comunidade BDSM ganha contornos mais parecidos com uma associação de diferentes pessoas com gostos diversos, ligadas pela “estranheza” de suas preferências sexuais. Em contato através de ferramentas virtuais, estes indivíduos tentam legitimar-se pela conformação à “democracia sexual” (ver Béjin, no Capítulo II) e pela apresentação de uma identidade política organizada. A principal ferramenta argumentativa deste esforço de legitimação é o caráter exclusivamente consentido das atividades sexuais BDSM. (ZILLI, 2007, p.64).

Ademais, a percepção do BDSM enquanto piada é uma questão tocada pelos adeptos que afirmam que muitos veem as práticas enquanto alívio cômico, quando é associado principalmente a podolatria. Com a disseminação do “pack do pezinho”, venda online de fotos do pé, o assunto chega a mais pessoas, mas, muitas vezes, em tom de chacota.

Trecho 13

Matheus: “Fica muito comum, por exemplo, podolatria. É, hoje todo mundo sabe o que é o “pack do pezinho”. É plenamente aceito? Não. A gente faz piada. Você pode falar que gosta de dançar, mas o gosto de pé não é aceito.” (Entrevista realizada pela autora)

Quando ninguém fala sobre certas práticas, o assunto geralmente é deixado de lado e o acesso que as pessoas têm a ele é de forma clandestina ou secreta com o acesso principalmente às mídias. No caso do BDSM, apesar de não fazer parte de nenhuma pergunta da entrevista, a maioria dos interlocutores relacionaram alguma resposta ao filme “Cinquenta tons de cinza”⁴². Na entrevista dos não praticantes, o filme vem enquanto primeiro acesso e as impressões do tema associadas ao filme, o estereótipo do BDSM a partir da imagem do homem branco dominador e da mulher branca submissa. O problema dessa imagem segundo os adeptos não é que não existam pessoas no BDSM com essas características, mas sim a associação direta dessas pessoas a essas imagens que leva a estereótipos aprisionantes.

Além disso, na obra o *top* sádico é constantemente associado a um passado de traumas que sugerem que por isso hoje ele possui as práticas, fazendo com que doença seja associada a sadomasoquismo, o que é muito significativo, pois quase não se há obras que tratam sobre o tema e quando há, costumam fazer essa associação. Entretanto, para alguns entrevistados praticantes o filme aparece enquanto um despertar do desejo. Sendo a primeira vez que veem o BDSM e sentem desejo que os façam pesquisar sobre o tema, iniciando uma jornada de autodescoberta. O acesso às mídias não têm sua importância apenas nos filmes, inicialmente,

⁴² CINQUENTA Tons de Cinza. Sam Taylor-Johnson. Universal Pictures, 2015.

muitos também têm acesso ao BDSM a partir das pornografias e literaturas eróticas em livros e fanfics⁴³.

Trecho 14

Matheus: “O “Cinquenta tons de cinza” é a única representação e a representação é que o cara é doente, perdoe o capacitismo. Representação em que é a partir de um trauma que você gosta daquilo. **Eu não sou doente. Eu sou normal.** Não precisei de um trauma, eu só acho divertido mesmo.”

Luan: ““Nossa você faz esse tipo de coisa? Você não parece alguém que faria isso.” Mas dá pra ser “normal”, como vocês acham, e ainda assim praticar” (Entrevista realizada pela autora, grifo da autora)

O impacto do estigma pode ser percebido nos grupos online. Uma das coisas que é mais visível é o banimento dos grupos em caso de descumprimento das regras, que geralmente proíbem, pedofilia, pornografia infantil, zoofilia, necrofilia e qualquer outro conteúdo ilícito, demonstrando a preocupação em separar claramente aquilo que é criminoso e aquilo que é desviante. Facchini e Machado (2013) analisam a busca pela legitimação desse grupo por meio da definição e da vigilância daqueles que se enquadrariam nas patologias, entendendo patologia a partir do não consentimento.

É importante destacar que, longe de contestar frontalmente as classificações psiquiátricas, a própria distinção entre patologia e BDSM erótico muitas vezes se dá de modo a reconhecer a existência de pessoas desequilibradas, que poderiam se apresentar tanto como Dominadores/Sádicos quanto como submissos/masochistas. Assim, o indivíduo equilibrado, controlado, capaz de fazer boas escolhas é pressuposto do BDSM, de modo que a noção de equilíbrio está totalmente vinculada à de sanidade e à possibilidade de levar adiante os princípios do SSC. Isso faz com que a legitimação do BDSM não seja algo que se dê apenas num movimento de dentro para fora da comunidade. Ela se dá cotidianamente no interior da comunidade por uma vigilância constante sobre potenciais desequilibrados – doentes ou criminosos – que possam colocar em risco o bem-estar de pessoas que praticam em segredo. (FACCHINI e MACHADO, 2013, p.220-221).

Sabendo que muitas vezes são vistos de maneira pejorativa, alguns tentam mostrar a comunidade de modo sensível nos blogs, apresentando o grupo apenas como pessoas que buscam satisfazer seus desejos, como qualquer outra pessoa cisheteronormativa, de modo seguro e consensual. Além disso, a maioria dos grupos online não compartilham seu rosto e identidade da vida cotidiana. Isso também ocorre nos encontros presenciais, trecho 2, nem sempre as pessoas se conhecem a partir do nome social utilizado no cotidiano, os nomes mudam de acordo com o local que se está inserido, sendo possível existir uma separação entre

⁴³ As fanfics são histórias fictícias criadas por fãs em que os personagens principais são famosos da vida real. Geralmente a leitura delas partia dos mais novos, que tinham por volta de 20 anos, os que estavam mais perto dos 30 anos tinham mais acesso a partir da pornografia.

as práticas conjuntas e a vida cotidiana mais baunilha. As apresentações podem ser a partir de nomenclaturas que sinalizem seu lugar dentro daquela subcultura, como “dom”, “senhora/senhor”, “serva/servo”.

Por conta de todo o estigma relacionado às práticas, nem todos escolhem fazer parte do grupo ou falar abertamente sobre o tema em sua vida cotidiana. “A pessoa “normal” quando descobre em si um impulso desviante, é capaz de controlá-lo pensando nas múltiplas consequências que ceder lhe produziria. Já apostou demais em continuar a ser normal para se permitir ser dominada por impulsos não convencionais.” (BECKER, 2008, p.38). Mas, mesmo quando acolhem seus desejos, nem sempre podem os assumir. Nem todos têm uma vida com a possibilidade de ser adepto publicamente, deixando somente no âmbito privado. Um exemplo, é a escolha dos nomes para a entrevista. Dei a escolha entre ser identificado na pesquisa pelo próprio nome ou a escolha de um nome fictício, aqueles que escolheram utilizar de outro nome tinham o objetivo de não serem associados a pesquisa de forma alguma, geralmente a motivação era dada pela preocupação da pesquisa ser vista por alguém que o reconhecesse e levasse isso para a sua vida pessoal e/ou profissional. A fala de Matheus expõe sobre a sua possibilidade de viver o BDSM publicamente.

Trecho 15

Matheus: “Eu falo isso publicamente. Mas eu sou a exceção. A maioria das pessoas não vão querer ser vinculada assim. Mas também eu sou um homem branco e não é como se eu fosse perder minha vida por causa disso sabe, uma pessoa ou outra faz um comentário ruim. Acho que eu tô muito velho pra não ser quem eu sou. Mas em regra, se eu fosse um professor ou uma professora que dá aula pra um adolescente e crianças, aí não. Não vai pegar bem. E eu não sou muito público, eu não sou uma pessoa importante. Então pra mim foi bem tranquilo por conta disso.” (Entrevista realizada pela autora)

Já a entrevista de Paula mostra como nem todos possuem essa abertura. Gayle Rubin (2017) explica que por mais que ninguém esteja isento da opressão sexual, a hierarquia sexual é interseccionada por outros recortes, como os de classe, raça, gênero e etnicidade, o que faz com que mesmo dentro do grupo haja vivências distintas de acordo com as dinâmicas desses outros sistemas. “Sucesso financeiro, cor branca, gênero masculino e privilégio étnico podem mitigar os efeitos da estratificação sexual. Um homem pervertido que seja rico e branco geralmente será menos afetado do que uma mulher pervertida que seja pobre e negra” (RUBIN, 2017, p.103).

Trecho 16

Paula: “Não falo abertamente porque eu sei que é um lugar muito fetichizado, sabe? Não no sentido de produzir fetiche, mas de outro. Primeiro que eu trabalho com política e sou figura pública, isso é perigoso. Eu não posso ficar falando por aí coisas que eu faço ou deixo de fazer porque isso pode virar uma coisa. A segunda é que eu sou mulher também e vários lugares quando eu finalmente converso sobre isso eu estou sobre o efeito de drogas ou de álcool, então eu tenho muito medo de virar uma questão, e porque todas as pessoas que eu conheci que eram praticantes eram homens, então fico com muito medo deles acharem que de alguma forma eu estou dando em cima deles. Às vezes é lido mal também, como se você estivesse falando sobre um assunto inapropriado.” (Entrevista realizada pela autora)

A visão de Matheus se complementa com a de Paula, que por ser uma pessoa pública não pode se ver associada ao BDSM. Além deles, outros relatos evidenciam que aqueles que vivem a subcultura abertamente possuem recortes sociais diferentes dos que vivem o BDSM apenas no âmbito privado. Alguns até faziam parte das redes relacionais da subcultura, mas afirmaram não poder falar sobre isso na maior parte dos contextos, fora da subcultura, com amigos, parentes etc. Outros, mesmo com as práticas, não se viam buscando a comunidade pelo medo de ser reconhecido, preferindo assim se manter fora do grupo. Esse tipo de caso, é o que Becker chama de desvio secreto.

A maioria das pessoas provavelmente vê o fetichismo (e o fetichismo sadomasoquista em particular) como uma perversão rara e exótica. Vários anos atrás, no entanto, tive ocasião de examinar o catálogo de um vendedor de fotografias pornográficas destinadas exclusivamente a devotos dessa especialidade. [...] O próprio catálogo era dispendiosamente impresso, e esse fato ao lado do número de fotos à venda, indicava que o vendedor tinha um negócio florescente e uma clientela bem grande. No entanto, não topamos com fetichistas sadomasoquistas a toda hora. Obviamente, eles são capazes de manter em segredo sua perversão ("Todas as encomendas enviadas num envelope simples").' Observações semelhantes foram feitas por estudiosos da homossexualidade, relatando que muitos homossexuais são capazes de ocultar seu desvio de companheiros não desviantes. E muitos usuários de narcóticos, como veremos adiante, são capazes de ocultar sua adição dos não-usuários com que se associam. (BECKER, 2008, p.32)

Esse desvio secreto faz com que o BDSM seja para muitos, além de um estilo de vida, uma vida dupla. Uma vida baunilha em que se é apresentado com o nome social, se têm uma fonte de renda estável, família e formas de relações comuns, e outra vida BDSMer, em que seus desejos são explorados e uma outra rede de relações se cria nesses âmbitos. Essa relação entre estilo de vida, vida dupla e legitimação a partir da oposição BDSM X violência é aquilo que possibilita que as sexualidades que estariam distantes das fronteiras de normalidade possam ser vividas.

Produzir-se como um “estilo de vida” permite ao BDSM também constituir-se como uma subcultura na qual essas sexualidades dissidentes podem se expressar, defendendo o cuidado do corpo e o fortalecimento do self, o que forja um erotismo

politicamente correto, como proposto por Gregori, que pretende atenuar os traços e conteúdos violentos envolvidos nas práticas sadomasoquistas (SILVA, 2018, p.3315).

Trecho 16

Alice: “**É um escape, querendo ou não. Porque muitas pessoas não têm como fazer disso o principal da vida, né? Aí vira duas vidas separadas. Aquelas que o pessoal chama da baunilha e a vida do BDSM.** Eu não sei se eu tenho muita distinção assim. Porque o que eu tenho de alternativo não foge muito do aceitável socialmente. Eu acho que é porque a minha bolha é muito pequena e muito intensiva. Então tudo que eu participo eu me sinto confortável de expressar. Seja na minha aparência ou do que eu faço normalmente, em perfis normais de redes sociais.” (Entrevista realizada pela autora, grifo da autora)

2.10 LGBTQIAPN+ E BDSMERS: RELAÇÃO E INTERSECÇÃO ENTRE OS GRUPOS

A intersecção desses grupos foi inicialmente o ponto de partida para a pesquisa, ao mesmo tempo que não tinha como objetivo entrevistar somente pessoas LGBTQ+ do BDSM acabei por acaso, ou talvez por um campo viciado, entrevistando apenas essa intersecção. No próprio convívio dos interlocutores os ciclos se misturam em vários momentos, tanto no ciclo LGBTQ+, com pessoas que praticam o BDSM, quanto nos meios dos adeptos, com relações não heterossexuais e identidades não cisheteronormativas. Apesar de não serem lugares denominados enquanto ponto de encontro LGBTQIAPN+, os entrevistados afirmam que é comum ver pessoas se relacionando com pessoas do mesmo gênero, não sendo problema algum em nenhum momento nos seus âmbitos. É relatado que não há estranhamento mesmo quando os encontros são feitos por organizadores heterossexuais. Também foi relatado que havia uma casa noturna em Aracaju que era aberta para noites de BDSM, mas era popularmente mais conhecida entre os LGBTQs, principalmente para o público gay. Apesar de ter buscado resposta com o perfil nas redes, não obtive informações sobre esses eventos e os posts nas redes sociais não demonstravam que atualmente ainda havia eventos na casa com as temáticas de BDSM.⁴⁴

Trecho 17

Alice: “Eu acho que elas se encontram nos espaços em que elas conseguem ocupar. E no como elas são vistas de fora. Então elas se juntam no início, talvez, enquanto algo diferente. Esse diferente, faz com que elas acabem no mesmo lugar. Porque querendo ou não, muito do mundo heteronormativo é ver o LGBT como um desvio sexual.

⁴⁴ Entretanto, em fevereiro busquei o perfil nas redes sociais e encontrei um único post que compartilhava uma noite de BDSM tida há alguns anos, porém quando acessei novamente no mês de abril já não encontrei o post novamente. Mandeí mensagem para o perfil perguntando sobre as noites de BDSM e se havia tido algum dia e afirmaram que não.

Então o BDSM também é visto como um desvio sexual. São agrupados dessa forma. Se relacionam dessa forma. Tanto é que há espaços, que são usados pelas duas comunidades, e é aberto pra todos, mas essas pessoas não usam outros bares da mesma forma, porque não existe a liberdade para isso nesses outros espaços. Agora os espaços LGBT não tem a abertura pro BDSM como os de BDSM têm pra LGBT. Tanto é que o pessoal, pelo menos que eu conheço, a grande maioria é LGBT.” (Entrevista realizada pela autora)

Há questões semelhantes entre as questões trazidas pelos grupos, como por exemplo o fato de estarem postos enquanto sexualidades dissidentes que levaria os indivíduos de ambos os grupos a buscarem se encontrar fora do estigma e em coletivo. Porém, ambos partem de pontos diferentes, visto que no Brasil o BDSM, apesar de chegar também enquanto sexualidade perversa, adentra a sociedade através de uma lógica mercadológica, onde os casais “apimentariam” a relação com o uso dos apetrechos do mercado erótico. Ao mesmo tempo, na exclusão dessas pessoas há um agrupamento das sexualidades que não estariam na conformidade do sistema no período do surto de HIV, de modo que o vírus era associado àqueles que faziam parte da margem.

Enquanto os LGBTQIAPN+ eram dissidentes e tinham que se organizar politicamente para enfrentar os períodos de forte repressão, com a ditadura e a redemocratização na crise do HIV, a subcultura do BDSM ainda se desenvolvia. Havendo até o início da década de 90, práticas de S&M, Bondage e afins, a junção das práticas que formariam o acrônimo BDSM viria com a internet que traria a possibilidade de debate anônimo e maior acesso a novos participantes. Nessa época havia também a abertura de casas de BDSM que eram fundadas tanto por LGBTs quanto por heterossexuais, mas essa não aparenta ser uma distinção importante atualmente, pois no meio BDSMer a orientação sexual parece pouco importante. Claro que isso não significa que, por exemplo, casas montadas por lésbicas, não acabariam tendo mais frequentadoras lésbicas, mas isso não seria uma questão de distinção entre aqueles que frequentam a casa ou não, sendo aberta para todos os interessados.

as relações com ativistas feministas, homossexuais e contra a ditadura foram bastante intensas no período da abertura política. Embora a ligação com as esquerdas não tenha necessariamente se feito presente nesse período nem nos que se seguiram, o movimento LGBT e o feminismo são referências constantemente citadas em debates contemporâneos na comunidade [...] Nessa direção, o sadomasoquismo erótico e o BDSM parecem estar ligados ao mesmo ethos individualista e igualitário que deu origem aos modernos movimentos feminista e LGBT no Brasil. Não é à toa que um homossexual e uma mulher que se quer independente e sexualmente liberada tenham relatado suas histórias mais ou menos ficcionais nos livros publicados no período da abertura política. Tais movimentos compartilham também um contexto no qual a contracultura e uma nova sexologia, mais holística, advogavam o direito ao prazer (Russo et al., 2009). (FACCHINI & MACHADO, 2013, p.223)

Em relação aos debates do BDSM muito se dá a partir dos empecilhos que a sociedade baunilha os coloca ao não compreender o conceito do consentimento entre eles. Ao colocar dor no âmbito da violência, os baunilhas não compreendem as práticas entre os adeptos, assim não enxergam que:

a violência não reside nos atos em si, mas no objetivo, e consequentemente no modo com que são praticados. Se a violência tem por objetivo ferir e não requer cuidados para evitar que isso ocorra, uma prática BDSM tem por objetivo proporcionar prazer a adultos que assim o desejam, de modo consensual, sendo cercada por cuidados para evitar lesões, ainda que marcas temporárias possam ser apreciadas. (FACCHINI & MACHADO, 2013, p.217).

Essa visão atribui uma situação de vulnerabilidade a eles, seja em contextos de chantagem, extorsões ou até de fato relações de abuso, que podem ocorrer em qualquer grupo, mas por haver associação direta desse grupo à violência, existe o receio de que ao expor um caso de abuso, o adepto prejudique o grupo. Facchini e Machado (2013) discutem um caso de violência, em 2007, que causa um debate nos grupos online sobre um espancamento sem consentimento entre praticantes e a decisão de não denunciar o ocorrido pelo receio da associação à comunidade. Nesse momento, começa a se pensar como se articular politicamente sobre casos como esse que podem acontecer, entendendo os riscos que as práticas possuem, pensando soluções como a exclusão daqueles que desrespeitam o SSC.

houve nessa crise uma tendência – que até então, no Brasil, nunca estabeleceu vínculo de tipo político – em falar na organização de campanhas públicas de esclarecimento, acalentando certo desejo de se constituir enquanto um movimento. Assim, a violência é controlada, dando espaço para uma atuação que legitima práticas que avizinham o prazer da dor. (GREGORI, 2014, p.68).

Pelos diferentes pontos de partida, os grupos possuíam e possuem articulações diferentes. O BDSM busca se articular nesta instrução dos blogs e grupos online que trazem debates e instruções de segurança, mas não possui a expressividade de outros grupos que foram categorizados na doença, como os grupos LGBTQIAPN+. A visibilidade é trazida em termos distintos da articulação LGBT+, com influências artísticas e uso das literaturas eróticas.

Assim, o BDSM se situa no Brasil num lugar que articula categorias diagnósticas oriundas dos saberes científicos, em especial da psiquiatria, da psicanálise e da sexologia, nichos de mercado erótico e uma comunidade de praticantes com frágil expressão pública. No intenso debate comunitário ao qual nos referimos, a fragilidade desse lugar se associa à tensão entre duas possibilidades que parecem não dialogar facilmente: manter condutas eróticas estigmatizadas em segredo e garantir acesso à proteção legal de direitos. (FACCHINI & MACHADO, 2013, p.214).

Entre os adeptos, há uma concordância comum de que em algum momento a intersecção existe pela relação de agrupamento daqueles que são excluídos das sexualidades legítimas e pela própria constituição do perfil daqueles que convivem no meio do BDSM. Como é percebido no trecho 17, também há uma diferença de recepção nos espaços LGBT+, que possui menor abertura para o BDSM.

Trecho 18

Paula: “A gente já está num lugar de subversão de várias normas, então é mais fácil pra gente aceitar que a gente vai subverter outras. Se eu já não deveria estar transando com uma mulher, pouco importa se ela me amarra ou não, porque eu já estou transando com uma mulher, então não importa. Mas também sei que muitas pessoas preferem manter as coisas “limpas” pra poder parecer um sexo hétero cis, tipo as lógicas de família também se reproduzem no sexo. O que seria mais aceitável seria uma mordida, então mesmo que ninguém saiba na rua o que você faz ali, parece que é mais aceitável porque você sabe que você é limpo dentro da sua própria casa. Já basta subverter e estar como pessoa LGBT você não precisa estar com práticas sexuais pervertidas. [...] Em algum momento já se foi uma coisa do movimento a liberdade sexual enquanto práticas em geral, mas hoje parece ser um grupo muito específico de pessoas que pautam isso, as pessoas que eu vejo com esse debate elas já são marginalizadas, são mulheres trans prostitutas ou pessoas que já foram e trabalhavam também como dominadoras e tal, e as poucas exceções de mulheres brancas acadêmicas que debatem sexo. Mas, não tem como falar de feminismo e de sexualidade em geral sem falar de sexo, eu não saberia como abordar essas práticas, mas não dá pra discutir feminismo e movimento LGBT sem liberdade sexual, e liberdade sexual sem feminismo e movimento LGBT. Não dá pra dividir as duas coisas.” (Entrevista realizada pela autora)

É como se a liberdade encontrada após o entendimento de ser BDSMer expandisse a visão sobre assuntos e identidades não normativas. De modo que outras formas de experienciar o mundo são vistas enquanto possibilidades e alternativas.

Camila: “A comunidade LGBT no nosso contexto Brasil, pelo menos, tem dificuldade de aceitar o novo. Especialmente para lidar com BDSM e fetiche em geral. E talvez seja uma das comunidades que mais pratique, mesmo que não saiba o nome disso, tipo a cultura do couro que é super presente entre os homens gays. Agora os do rolê fetiche já tem um espaço a mais na mente em relação as diferenças, eu vejo mais recepção da comunidade fetiche pra a comunidade LGBT do que ao contrário.”

Luan: “Hoje em dia as pessoas estão mais abertas, a depender de qual letra você faz parte, já que tem umas que são mais abertas a conversar sobre isso e outras que são mais fechadas. Mas eles ainda são mais receptivos que a sociedade geral heteronormativa. [...] A comunidade de BDSM é bem mais receptiva, o que importa é estar confortável, não tem muito um estranhamento.” (Entrevista realizada pela autora)

Uma das expressões políticas e sociais dos grupos LGBT+ são as Paradas LGBTQIAPN+. Rafael diz “A parada é feita para se mostrar, existir para além das bolhas, para se ver e se sentir bem. É um momento de liberdade”. Em Aracaju é comum que nas

Paradas não haja grupos de BDSM, somente algumas pessoas de modo individual utilizando acessórios que remetem a subcultura, diferente das Paradas de São Paulo, por exemplo, em que há a presença desses grupos enquanto uma vertente LGBTQIAPN+. Alguns veem a possibilidade de adicionar o tema nos eventos pós ou pré-Parada, mas há um receio de como as pessoas de fora da sigla veriam essa representação. O que é interessante, pois outros interlocutores veem a parada aracajuana enquanto um “carnaval”, acreditando ser um ambiente mais festivo do que político, e por isso creem que não haveria a disposição dos organizadores de adicionar o tema como debate nas Paradas.

Trecho 19

Luan: “Eu não acho que o BDSM seria malvisto pela galera LGBT, mas talvez pelas pessoas de fora que não estão acostumadas. Eu não acho que tem um conflito entre essas duas comunidades, não vejo por que ser algo conflituoso”

Alice: “Não sei se necessariamente deveria fazer parte, ao mesmo tempo que o ambiente das paradas LGBTs seria interessante para discutir sobre esses aspectos de fazer as coisas com segurança, não sei dizer se seria de fato uma demanda, pois o BDSM não é uma orientação sexual, ao mesmo tempo que “tá” nesse lugar de desvio de identidades e sexualidade que se assemelha os LGBTs. O BDSM estaria num lugar para qualquer pessoa, independente de gênero e sexualidade, seja hétero ou LGBT. Mas ainda assim a discussão de sexualidade, principalmente sabendo que os LGBTs praticam isso, poderia ser algo mais discutido nesse âmbito, principalmente porque não existe outras partes da sociedade que discutem tanto isso.”

Matheus: Eu acho que não é algo que contribui. Eu acho que é outro rolê. Eu acho que tem muita gente na comunidade LGBT que abraça, mas acaba que a luta é muito maior pra não ser vista como desviante, mas por outro motivo... se bem que agora acho que... não sei sabe acho que enquanto LGBT a gente quer ser visto como pessoas normais, que nossa prática amorosa sexual, não seja um problema, mas agora que eu tô pensando vejo que é muito parecido. São dois grupos que buscam ser visto como normais. Mas eu não acho que agregue. É outra pauta. Não tem gente perdendo direito e morrendo por causa disso, mas também não definiria o movimento LGBT como perda de direitos e morte. Menos pessoas vão perder emprego ou vida por causa disso, vai ser mais um comentáriozinho de “aquele safado” “aquele fetichista”. [...] Eu estou percebendo a minha contradição ao longo da entrevista (risos). Estou me convencendo do contrário porque acho que eu tô pensando a comunidade LGBT enquanto uma comunidade que busca direitos e que literalmente pede a intervenção do Estado e o BDSM não. Mas, quando a gente chega no convívio ambas as pessoas têm as informações ocultadas. Na área de convívios sexuais ambos estariam nesse lugar distante e de tentativa de normalização, mas a pessoa do BDSM pode deixar isso na vida privada e se você for LGBT você não consegue, a gente tá falando de não ter direito a herança a não poder levar seu parceiro no casamento de seu amigo, sabe?” (Entrevista realizada pela autora)

Apesar das intersecções entre os grupos e dos movimentos LGBTs e feministas serem referências nos debates de BDSM, “não sendo raro que o movimento LGBT seja fonte para comparações quando se quer falar de possibilidades ou limites da organização comunitária, e que o feminismo seja acionado para pensar os limites entre a fantasia e as práticas viáveis na erotização da hierarquia” (FACCHINI & MACHADO, 2013, p.223), uma certa aliança política entre esses grupos não parece ser uma demanda. Pois veem o BDSM enquanto espaço

de todos, independente de orientação sexual ou identidade de gênero, e não atrelado a uma luta por direitos.

3 QUESTIONANDO AS FRONTEIRAS

3.1 O QUE É SEXO?

Questionar o que é tido enquanto sexo e o que se sabe sobre, é o início de uma jornada de estranhamento do que é tido enquanto familiar⁴⁵ enquanto ferramenta metodológica. Pensar sobre sexualidades está mais no âmbito político e socioantropológico do que comumente se acredita. Falar sobre sexos, tanto o ato quanto a construção do que é dado enquanto parte do corpo biológico, é de grande importância ao compreender algo que molda as relações, mas que constantemente não é racionalizado por ser dado enquanto natural. Assim, há a ideia de que o sexo está no campo do íntimo, da parte privada, das sensações que não precisam ser faladas, numa ideia de que sexo está apenas “entre quatro paredes”, quando na realidade, até a ação chegar no quarto já houve diversas interferências de outras estruturas sociais, de modo que o que se gosta, quando, onde e com quem, vai além do indivíduo.

A antropóloga Gayle Rubin (2017) esclarece sobre a biologização das sexualidades e o quão prejudicial é a ideia de essencialização das sexualidades, fazendo um apanhado sobre como o discurso do sexo enquanto natural contribui para políticas retrógradas de repressão em comunidades que não se encaixam dentro dos parâmetros do sistema vigente.

Isso não significa que as capacidades biológicas não são pré-requisito para a sexualidade humana. Significa que a sexualidade humana não é compreensível em termos puramente biológicos. [...] O corpo, o cérebro, os genitais, e a capacidade para a linguagem são necessários para a sexualidade humana. Mas eles não determinam seus conteúdos, suas experiências e suas formas institucionais. Além de que nós nunca encontramos um corpo não mediado por significados conferidos pela cultura. [...] É impossível pensar com clareza as políticas da raça ou gênero porquanto estas são pensadas como entidades biológicas ao invés de construtos sociais. Similarmente, a sexualidade é inacessível à análise política enquanto for concebida primariamente como um fenômeno biológico ou um aspecto da psicologia individual. (RUBIN, 2017, p.78)

⁴⁵ Usando a ideia de Imaginação sociológica de Wright Mills em relação a familiarização do que é estranho e o estranhamento do que é familiar, questionando o que é dado enquanto “normal”.

Por essa ótica de racionalização das sexualidades que, fazendo uma análise da sexualidade desde a Era Vitoriana, no séc. XVII, até o séc. XX, Michel Foucault (1998) entende a “história da humanidade” como a “história das tecnologias”, tecnologias de controle e reprodução de certos discursos, compreendendo sexo enquanto um lugar de disputa política.

Sobre tal pano de fundo, pode-se compreender a importância assumida pelo sexo como foco de disputa política. É que ele se encontra na articulação entre os dois eixos ao longo dos quais se desenvolveu toda a tecnologia política da vida. De um lado, faz parte das disciplinas do corpo: adiestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz. Insere-se, simultaneamente, nos dois registros; dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todos um micropoder sobre o corpo; mas, também, dá margem a medidas maciças, a estimativas estatísticas, a intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente. (FOUCAULT, 1988, p.135-136)

Ao contrário de ser reprimida, a sexualidade foi estimulada como uma vontade de saber, ou seja, enquanto meio de controle e reprodução do saber do discurso da sexualidade. De modo que desde o séc. XVII há um movimento que pede a exposição da sexualidade para que seja analisada e julgada pelo outro, sendo esse o momento em que há uma fiscalização para regulação e correção das vidas. É nesse movimento que os dispositivos discursivos de poder se estruturam pelas alianças da igreja, da medicina e da família, que reproduzem e mantêm num sistema de regras o proibido e o normal.

A instância da regra. O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. [...] o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem, ou melhor, por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra. [...] a ameaça de um castigo que nada mais é do que sua supressão (FOUCAULT, 1988, p.80)

Ao longo da história, diversas instituições, como a médica, vêm intervindo no âmbito da sexualidade, buscando aquilo que faria oposição aos “normais”, “saudáveis” e “sãos”, tornando as distinções sinônimos de anormalidades. Assim como ocorre com o BDSM e as identidades LGBTQIAPN+.

psiquiatrização do prazer perverso: o instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fêz-se a análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias. [...] A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a

não se encaixam nas expectativas morais e comportamentais. “Do mesmo modo, a ordem ideal da sociedade é mantida graças aos perigos que ameaçam os transgressores. Estes pretensos perigos são uma ameaça que permite a um homem exercer sobre outro um poder de coerção.” (DOUGLAS, s.d, p.7). Dessa maneira, além do estigma enquanto punição moral há também penalidades econômicas, como o desemprego e leis que criminalizam suas práticas e/ou proíbem o acesso a direitos comuns gerais, como o casamento, que diminuem o poder dos ditos pervertidos sexuais.

Portanto, se o sexo é discursivo, também é construído e passível de análise, de modo que o que é dado enquanto sexo se modifica de acordo com o tempo, local e cultura. Como é feito, por quem é feito e para quê é feito são perguntas que dizem muito mais sobre a cultura e contexto do que sobre as práticas das pessoas que o praticam. Se antes a homossexualidade era tida enquanto perversão na maior parte dos grupos, enquanto um consenso ocidental que tinha como uma das bases a medicina, atualmente é perceptível que para diversos grupos essa já não é mais uma questão. De acordo com Rubin (2006) o comportamento homossexual sempre esteve presente entre os humanos, se diferenciando a partir das culturas e épocas com a recompensa ou punição, necessidade ou proibição.⁴⁷ O filósofo Paul Preciado faz uma análise a partir da ótica de Foucault e afirma:

Em 1868, pela primeira vez, as instituições médico-legais identificaram esse acidente "contranatura" como estruturalmente ameaçador para a estabilidade do sistema de produção dos sexos, opondo a perversão (que nesse momento inclui todas as formas não reprodutivas da sexualidade, do fetichismo ao lesbianismo, passando pelo sexo oral) à normalidade heterossexual. (PRECIADO, 2000, p.41)

Dessa forma, a homossexualidade e a transgeneridade foram patologizadas com classificações de doenças e transtornos mentais no fim do séc. XIX ao início do séc. XX. Para além da onda teórica do evolucionismo sociocultural, que buscava estabelecer ligação direta entre a constituição física e moral das pessoas, Uziel *et al.* (2004) demonstra como, na década de 30, corpos identificados como homossexuais foram levados das ruas às delegacias para serem examinados. Nessa linha, o médico Leonídio tentou estabelecer:

“uma convincente ligação entre as características físicas e os supostos desequilíbrios endócrinos nos supostos homossexuais que investigou notadamente por meio da distribuição capilar pelo corpo, pelo púbis e pela cabeça. Seu mentor, Marañon, já

⁴⁷ “Em algumas sociedades da Nova Guiné, por exemplo, atividades homossexuais são obrigatórias para todos os homens. Ato homossexuais são considerados completamente masculinos, os papéis são baseados na idade, e os parceiros são determinados pelo status do parentesco (Herdt, 1981; Kelly, 1976; Rubin, 1974, 1982; Baal, 1966; Williams, 1936). Ao passo em que esses homens se engajam em comportamentos extensivamente homossexuais e pedófilos, eles não são nem homossexuais, nem pederastas.” (RUBIN, 2017, p.91)

havia utilizado esse critério, concluindo que 75% dos homens investigados apresentavam uma distribuição capilar feminina (Green, 2000).” (UZIEL *et al.*, 2004, p.187)

Mesmo sem bases sólidas essas correntes se estruturam e deixam marcas até a atualidade, somente em 1990 que a homossexualidade foi retirada das classificações com o CID-10, e a transgeneridade apenas em 2019 com o CID-11. Ainda assim, a transgeneridade deixa de ser considerada doença, mas é reclassificada em “condições relacionadas à saúde sexual” tratada enquanto “incongruência de gênero”.

Além de organizar homossexuais e prostitutas em populações localizadas, a “modernização do sexo” gerou um sistema de etnogênese sexual contínua. Outras populações de dissidentes eróticos – comumente conhecidos como “perversões” ou “parafilias” – também começaram a aderir. As sexualidades se mantêm marchando para fora do Diagnostic and Statistical Manual e para as páginas da história social. No presente vários grupos tentam emular os sucessos dos homossexuais. Bissexuais, sadomasoquistas, indivíduos que preferem encontros com cruzamento de gerações, transexuais e travestis estão todos em vários estágios de formação de comunidades e aquisição de identidade.” (RUBIN, 2017, p.93-94)

De tal modo, os grupos e subculturas reinventam as lógicas repressivas do sistema e fazem o que “David Halperin, seguindo as intuições de Foucault, denominou práxis queer esta forma de transformação de certas técnicas de dominação em técnicas de si, que hoje não hesitaríamos em denominar técnicas de construção de identidade” (PRECIADO, 2000, 112). Isso é perceptível também com certos instrumentos, que com o passar do tempo são reapropriados por diferentes corpos e reinventados de modo que possuem novos usos e identidades, constituindo sexualidades alternativas nos grupos trans, lésbicos, gays e de BDSM.

A perfuração do prepúcio com um anel, por exemplo, reaparecerá na cultura gay e BDSM sob o nome de "Prince Albert". Somente com duas diferenças: primeiro, o corpo, que até então era simples objeto da prática, pela primeira vez passa a ser sujeito, é ele próprio que decide sobre qual piercing, onde etc. E em segundo lugar, enquanto na literatura do século XIX o anel aparece como um impedimento da ereção, na cultura do piercing é conhecido por seus efeitos de prolongação de ereção e do orgasmo. Efetuou-se, portanto, uma reviravolta completa dos usos e das posições de poder que estes implicam em torno daquilo que é uma mesma técnica. (PRECIADO, 2000, 112-113)

Esses grupos rompem com as lógicas fixas do que é considerado sexo e das expectativas de gênero. Se no senso comum binário, sexo é feito entre duas pessoas, um homem e uma mulher, um pênis e uma vagina, um papel ativo e outro passivo, feito para reproduzir, os grupos LGBTQIAPN+ e de BDSM mostram que não necessariamente. Se sexo

é pura ação física feito apenas por genitálias e com o ato da penetração, no BDSM sexo é hierarquia, jogo de poder, dores prazerosas e pode ser físico também, mas não necessariamente. Assim, essas outras formas de operar permitem a descoberta de um prazer não genital, que envolve explorações psicológicas e emocionais fazendo com que sejam descobertas novas formas de experienciar a sexualidade.

Logo, ambos os grupos, LGBTQIAPN+ e BDSM, vão além da regulamentação da lógica do sexo enquanto meio de reprodução sexual e familiar. São grupos que possuem a lógica do prazer por prazer, e que no caso do BDSM o grupo é também formado em prol da busca pelo prazer. É dessa forma, que o que os fazem ser uma comunidade é serem outsiders de uma lógica sexual que não os contempla.

3.2 A IMPUREZA DAS FRONTEIRAS

Mesmo quando o sexo é heterossexual e monogâmico ele ainda é malvisto, necessitando de motivos para ser feito, de modo que as noções do sexo com o propósito da procriação e manutenção da família era compreendido enquanto finalidade, até o surgimento dos movimentos feministas, de libertação sexual e LGBTQIAPN+. “Essa cultura sempre trata o sexo com suspeita. Constrói e julga quase todas as práticas sexuais segundo suas piores possibilidades de expressão. [...] todos os comportamentos eróticos são considerados maus a menos que uma razão específica para isentá-lo tenha sido estabelecida.” (RUBIN, 2017, p.82).

Douglas (s.d) explica como essa visão se dá a partir de uma lógica cristã de impureza, que ao buscar novos valores sociais encontra na virgindade uma forma de constituir o medo da poluição sexual. Põe o sexo de forma que ele em prol de si é impuro, fazendo com que diversas características conjuntas sejam necessárias para o tornar legítimo, daí as noções da virgindade da mulher “retirada” pelo casamento com um homem com fins de reprodução, criação e manutenção da família. Se o sexo não possui a finalidade de reprodução do sistema, logo é impuro.

Os cristãos idealizavam uma nova sociedade, livre, onde a servidão, a coerção e a contradição não teriam lugar, e para isso precisavam de novos valores positivos. A valorização da virgindade tinha de ser bem recebida no seio de um pequeno grupo minoritário e perseguido. Vimos que tais condições sociais se prestam facilmente à representação do corpo como um recipiente imperfeito que, para se aperfeiçoar, tem de ser impermeável. Além disso, a ideia do grande valor da virgindade convinha sobretudo a um povo que desejava modificar o papel dos sexos no casamento e na sociedade (Wangermann). A identificação da mulher com a Velha Eva e o medo da poluição sexual derivam de um certo tipo de estrutura social. Para quem quiser mudar

esta estrutura, a Nova Eva, virgem, fonte de redenção esmagando o mal debaixo dos pés, apresenta-se como um símbolo particularmente poderoso. (DOUGLAS, s.d, p.115).

As sociedades ocidentais mantêm uma lógica que até mesmo aquilo que foi definido enquanto transgressor, ao se organizar coletivamente em torno dessa subversão, muito provavelmente também fará com que haja estruturas que delimitam o que faz parte desse grupo transgressor e o que não, reproduzindo a estrutura do sistema que lhe foi negado, mas criando novas delimitações com parâmetros diferentes. É dessa maneira que a figura do *switcher* bagunça as demarcações dentro da subcultura e os grupos LGBTQIAPN+ e têm certa rigidez com os adeptos.

“Cada cultura tem de possuir as suas próprias noções de impureza que opõe às noções de estrutura positiva, aquela que se tenta legitimar. Seria absurdo falar de uma mistura confusa entre o sagrado e o impuro, mas é verdade que a religião sacraliza muitas vezes coisas impuras que haviam sido rejeitadas com aversão. Portanto, há que indagar por que motivo a impureza, que é normalmente destrutiva, se pode tornar criadora” (DOUGLAS, s.d, p.116)

Entre os baunilhas em geral, há um consenso de que uma das piores traições, se não a maior, é a infidelidade. Todavia, entre os BDSMers há as relações em que um parceiro gosta ou gostaria de ser “traído”. Não há de fato uma traição, há um pedido, um acordo para que por exemplo a mulher o faça de “corno”⁴⁸. Essa relação não seria bem-vista no mundo baunilha, pois abalaria as noções de amor e casamento associadas ao sexo, as noções de virilidade masculina e de pureza feminina, entretanto dentre os adeptos a questão dessa situação está no peso desse pedido para a mulher, que, por vezes, tem uma dificuldade maior de o trair por não querer ser associada a imagem de puta. “No casamento, o “corneamento” tem o peso de traição, uma vez que tradicionalmente se espera a fidelidade sexual dos cônjuges. No BDSM, o corneamento tem a marca da submissão, da humilhação erótica, a partir da qual o próprio “corno” retira prazer sexual” (SILVA, 2015 p. 101).

Por fim, a prova de que as noções de sexualidade não estão dadas, mas são constantemente definidas e delimitadas é a transformação daquilo que é considerado puro ou impuro, não só em relação ao mesmo aspecto em sociedades diferentes que possuem significados distintos, mas também como numa mesma sociedade o aspecto é passível de transformação de acordo com as necessidades do sistema. Assim, tanto aquilo que um dia foi impuro pode ser sacralizado, quanto aquilo que é sagrado pode se tornar profano.

⁴⁸ O *cuckolding* geralmente é entendido enquanto um fetiche masculino em que esse sente prazer em ver sua parceira com outro homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como o adepto se constrói é a partir da sua identidade dada pelo encontro na subcultura do BDSM. A resistência ao estigma se dá na construção do grupo em torno do desvio das normas sexuais. Essas expectativas comportamentais fazem com que haja hierarquias sexuais e aqueles que não se adequam sejam patologizados e criminalizados, os transformando em delinquentes sexuais. Concomitantemente, eles também reproduzem a mesma estrutura que os oprime, como todos os outros grupos, eles também mantêm uma lógica a partir daqueles que fazem parte: fazem parte a partir de normas e padrões específicos valorizados que se contrapõem a esse outro, sem graça, que é o baunilha, assim como vigia os seus próprios integrantes e questiona sua legitimidade ao possuir uma identidade difusa, como os switchers.

É visível que apesar das práticas de ambos os grupos, LGBTQIAPN+ e BDSM, existirem muito antes das criações dos grupos e a formação das identidades, é com a modernização das sexualidades que as nomenclaturas enquanto coletivos e redes de relações aparecem, a partir da década de 60. Esses atos podem inclusive até fazer mais parte do cotidiano dos casais baunilhas do que se espera, mas, ao não serem nomeados, não possuem o estigma que as ações dos adeptos têm.

Em Aracaju, a cena parece estar em construção, o mais comum de ocorrer são as práticas individuais e os *offs*, com ambientes de sociabilidade BDSMer escassos, mas com tentativas de construção de oficinas e eventos. Esse aspecto faz com que os adeptos e praticantes busquem outras formas de encontros, como o uso das redes sociais e as viagens para eventos em outras cidades. Por conta da associação comum do BDSM enquanto violência e piada, as oficinas e eventos públicos são uma maneira de desmistificar o grupo para os não integrantes e atrair novas pessoas. Pela necessidade de segurança e confiança, aqueles que não possuem redes acabam tendo dificuldades de se inserir, precisando que se conheça algum integrante para fazer eventos, por exemplo. As primeiras experiências geralmente são pouco prazerosas, mas a expectativa do potencial prazer faz com que as práticas continuem e se aprimorem a partir do entendimento das sensações e técnicas com integrantes mais experientes. Como todo grupo, há diferenciações no meio que definem os adeptos dos praticantes, sendo o estudo e o investimento nas práticas enquanto outsider que constroem a carreira no desvio e transformam as práticas num estilo de vida, parte de sua identidade e, por vezes, em outros âmbitos, como o profissional.

Ser punido e marcado enquanto transgressor é, para muitos, o início de uma jornada de encontro com outros que também não se adaptam às expectativas comportamentais e se sistematizam do “lado de fora” desses sistemas. É nessa sistematização que se expandem as noções de práticas e estilos de vida *baunilha* que são declarados universais, assim, suas roupas, acessórios, subversões dos papéis de gênero e as relações de prazer com a dor desfazem a ordem vigente. É perceptível que os grupos LGBTQIAPN+ não estão isentos das amarras cisheteronormativas e quando esses grupos se interseccionam com os de BDSM alguns conflitos ocorrem, havendo pouca receptividade dos LGBT+ com os BDSMers. Mesmo que esses grupos partam de pontos diferentes, o BDSM parece se construir aos poucos com aspectos que originaram os movimentos LGBT+ e feminista, entretanto a intersecção dos grupos não parece ser motivo para uma busca de maior integração ou alianças políticas.

O entendimento do sexo enquanto objeto socioantropológico, como toda essa análise, abre as possibilidades para debates sobre o tema enquanto ambiente de disputas políticas em que os conflitos propiciam a formação de grupos que, ao mesmo tempo que reproduzem os moldes da estrutura de exclusão, também expandem as fronteiras e criam novas delimitações. Como qualquer grupo que se sistematiza, há regras para se manter e se constituir enquanto integrante, por isso, há sempre os que, mesmo nos grupos de desvio, acabam não se adaptando, como a figura dos switchers que esfumaça as fronteiras do top/bottom. Todos esses jogos deixam claro como as noções de proibição e pureza são constantemente modificadas e ressignificadas e evidenciam a possibilidade de mudança desses sistemas limitantes de hierarquia. Por fim, se não pudermos explodir as caixas, que pelo menos as expandamos até que fiquem tão grandes que será impossível de identificar as fronteiras.

REFERÊNCIAS

- ALUCARD, Equina Nur de.. **Desejo secreto**: compilação de textos originais. Disponível em: <<https://desejosecretobdsm.wixsite.com/desejosecreto>>. Acesso em: 25 fev. 2024.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5ª Edição. Tradução de Maria I. C. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- BARBUDO, Dom. Como o BDSM chegou ao Brasil. **Dom Barbudo**. 2020. Disponível em: <<https://dombarbudo.com/guia/o-que-e-bdsm/como-o-bdsm-chegou-no-brasil/>>. Acesso em: 17 jan. 2024.
- BECKER, Howard S.. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- DOMINGUES, Joelza E.. Aristóteles e a sedutora Filis: uma lenda misógina medieval. **Ensinar História**. 2017. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/aristoteles-e-filis-misogina-medieval/>>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- FACCHINI, R., & MACHADO, S. R.. "Praticamos SM, repudiamos agressão": classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, nº14, ago 2013, 195–228. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200014>>. Acesso em: 10/10/2023.
- FACCHINI, Regina. Comunidades imaginadas: um olhar sobre comunidades políticas a partir de mulheres que se relacionam com mulheres no meio BDSM. **Pensata**, Guarulhos, v.1, n.2, p.6-25, jun. 2012.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. 13ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- GREGORI, Maria F. Prazeres Perigosos: o contrato e a erotização de corpos em cenários sadomasoquistas. **Etnográfica**, Portugal, vol. 19, n. 2, p.247-265, junho. 2015.
- HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. **Resistance Through Rituals: subcultures in post-war Britain**. Londres, Inglaterra: Hutchinson, 1975.
- KINGDOM SM, 2022. Publicação no Instagram, Nota de Esclarecimento. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CcnU4VNOY1qNwBZNM02nXru3nsQvxtkbD3jdKA0/?igsh=MTUyMzZobmJwczBtOA==>. Acesso em: 17 jan. 2024.

KLEINPLATZ, Peggy J. & MOSER, Charles. **Sadomasochism: Powerful Pleasures**. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2006.

LEITE JR., Jorge. **A cultura S&M**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 52. 2000.

MELO, Marília L. de.. **A dor no corpo: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 122. 2010.

MR. Leather. Daniel Nolasco. Brasil: Dafuq Filmes, 2019.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

NOMIS, Anne O. **The History & Arts of the Dominatrix**. Anna Nomis Ltd, 2013.

NUR, Equina. Desejo Secreto e a história do BDSM no Brasil. **Medium**, 2020. Disponível em:

<<https://medium.com/bdsm-de-iniciante/desejo-secreto-e-a-hist%C3%B3ria-do-bdsm-no-brasil-ad7afb3e3689>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

NUR, Equina. CID-11 tira BDSMers e Fetichistas da lista de doentes – BDSM. **Medium**. 2020. Disponível em:

<<https://medium.com/bdsm-de-iniciante/cid-11-tira-bdsmers-e-fetichistas-da-lista-de-doentes-beb11948bfad>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ORIGINAL Pride: The Satyrs Motorcycle Club. Scott Bloom. Estados Unidos: Frameline, 2005.

PRECIADO, Paul. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

ROSA, E. B. P. R. (2020). Cisheteronormatividade como instituição total. Cadernos PET-Filosofia, 18(2), p. 59-103.

RUBIN, Gayle. **Políticas do Sexo**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SAMOIS. **Coming do Power: Writings and Graphics on Lesbian S/M**. Boston, Alyson, 1982.

SANTOS, Allan. A história do BDSM: Parte I. **Cena BDSM**. 2020. Disponível em: <<https://cenabdsm.com/a-historia-do-bdsm-parte-i/>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SILVA, Vera L. M. S.. **Sob a égide do chicote: Uma leitura do amor na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 177. 2015.

SILVA, Vera. Sexualidades dissidentes: um olhar sobre narrativas identitárias e estilo de vida no ciberespaço. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2018, v. 23, nº10, 3309–3318. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.18642018>>. Acesso em: 05 mai. 2023.

SILVA, Vera. A psiquiatrização do sexo não normativo: BDSM e a 5ª revisão do manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais. **Vivência: Revista de Antropologia**, Natal, n. 48, p. 25-38, 2016.

SKEID, Svein. **WHO takes bdsm and fetishism off the sick list**. Revise F65, Noruega, 19 jun. 2018. Disponível em: <<https://revisef65.net/2018/06/19/bdsm-fetishism-sadomasochism-global-milestone-human-rights-reform/>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

UZIEL, Anna Paula *et al.* **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

VATSYAYANA, Mallanaga. **Kama Sutra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

WELLS, R. H. C. et al. **CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. São Paulo: EDUSP, 2011. Disponível em: <<https://www.edusp.com.br/livros/cid-10-1/#:~:text=CID%2D10%20%E2%80%93%20Vol.,Problemas%20Relacionados%20%C3%A0%20Sa%C3%BAde%20%E2%80%93%20Edusp>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

ZILLI, Bruno D.. **A Perversão Domesticada: Estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.95. 2007.

GLOSSÁRIO

Baunilha	Os não adeptos do BDSM.
Baunilha apimentada	Não adeptos do BDSM que gostam de “apimentar” a vida sexual com práticas de BDSM.
BDSM	Acrônimo para o conjunto de práticas eróticas e/ou sexuais que envolvem relações de poder e hierarquias erotizadas. BD - Bondage e Disciplina; DS - Dominação e Submissão; SM - Sadismo e Masoquismo.
Bondage	Imobilização com o uso de acessórios que restringem os movimentos.
Bottom	Figura submissa dentro das práticas de BDSM.
Cena	Momento que ocorrem as práticas de BDSM. Atividades que podem ser “ligadas” e “desligadas” existindo à parte da realidade comum.
Exibicionismo	Cenas de exposição sexual ao outro.
Masoquismo	Prazer em sentir dor.
Movimento Leather	Movimento originado por volta da década de 40/50 por homens que tinha como estilo de vestimenta o uso de couro nas botas, jaquetas, calças e boinas. Muitos praticantes se associaram à motoclubes gays e à subcultura do BDSM. Referido também como “Leather” ou “Movimento do Couro”.
Needle Play	Prática de inserção de agulhas hipodérmicas na pele.
Pet Play	Encenação em que um é o dono e o outro é seu animal. Um tipo de Role Play.
Role Play	Práticas com interpretação de papéis.

S&M	Sadismo e Masoquismo. Termo muito utilizado antes de ser cunhado o acrônimo BDSM, que abrange essas práticas e outras.
Sadismo	Prazer em infligir dor.
Safewords	Códigos de segurança, palavras ou gestos, que demonstram que algum limite foi ultrapassado. Interrompimento do jogo.
Shibari	Amarrações com o uso de cordas para limitar o outro fisicamente. Tipo de Bondage.
Spanking	Jogo de impacto com palmadas e/ou objetos que cumpram a função de bater. Tipo de práticas sadomasoquistas.
SSC	Sigla para São, Seguro e Consensual. Conjunto de regras que determinam a saúde física e mental dos adeptos, a higiene e estudos das práticas e consenso dos limites.
Switcher	Figura que se identifica na difusão entre os papéis Bottom e Top. Podendo ser ambas as figuras em cenas diferentes.
Top	Figura dominante dentro das práticas de BDSM.
Voyeurismo	Cenas de observação sexual do outro.
Wax Play	Jogo de temperatura com o uso da cera de vela no corpo. Tipo de práticas sadomasoquistas.

